

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Edição crítica das *Memórias do Cárcere* de Camilo Castelo Branco

Raquel Rua Oliveira

Relatório orientado pelo Prof. Dr. Ivo Castro, especialmente elaborado para a obtenção
do grau de mestre em Crítica Textual.

Relatório de estágio

2016

Resumo

Este relatório consiste na descrição de todo o trabalho realizado para a constituição de uma edição crítica e consequente publicação, por parte da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (IN-CM), da obra *Memórias do Cárcere* de Camilo Castelo Branco.

Numa primeira fase, descreverei o modo como realizei a fixação do texto crítico da obra, tendo por base as três edições em vida do autor.

Posteriormente, relatarei o trabalho que desenvolvi em conjunto com a IN-CM, no sentido de editar e publicar a obra, no âmbito da coleção *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco*.

Palavras-chave

Camilo Castelo Branco, Edição crítica, Literatura Portuguesa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Summary

This report is a description of all the work carried out for the establishment of a critical edition and subsequent publication, by Imprensa Nacional-Casa da Moeda (IN-CM,) of Camilo Castelo Branco's book *Memórias do Cárcere*.

Firstly, I will describe how I achieved the critical text of the book, based on its three editions during the author's lifetime.

Subsequently, I'll recount the work developed with IN-CM in order to edit and publish the book within the collection *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco*.

Keywords

Camilo Castelo Branco, Critical edition, Portuguese literature, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
1. A coleção <i>Edição Crítica de Camilo Castelo Branco</i> na IN-CM	5
2. Camilo Castelo Branco e as <i>Memórias do Cárcere</i>	6
AS MEMÓRIAS DO CÁRCERE	10
1. Fixação do texto crítico	10
2. O processo de edição.....	13
• Primeira revisão.....	13
• Marcação do original.....	14
• Paginação	16
• Revisão de provas paginadas.....	17
• Capa, anterrosto e rosto	20
CONCLUSÃO	24
BIBLIOGRAFIA.....	25
ANEXOS.....	26
ANEXO I – Fixação do texto crítico	
ANEXO II – Livro de estilos gráficos para o miolo	
ANEXO III – Diferenças entre o documento original e paginado	
ANEXO IV – Revisão de provas	
ANEXO V – Prova de capa	
ANEXO VI – Anterrosto e rosto	

INTRODUÇÃO

O trabalho de estágio realizado teve por objetivo final a criação de um dos volumes da coleção *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa de Moeda (IN-CM).

Primeiramente farei uma breve introdução à coleção focando os volumes já publicados, seguida de uma resumida apresentação da obra.

Posteriormente irei expor o método de trabalho que utilizei para a fixação do texto crítico da obra e consequente processo de edição.

1. A coleção *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco* na IN-CM

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda apresentou, em 2013, a coleção *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco* trazendo a público edições críticas das obras do autor. Com a coordenação do Professor Doutor Ivo Castro, os primeiros volumes publicados são o *Amor de Perdição* e *O Regicida*. Ambas as edições foram conseguidas tendo por base os próprios manuscritos de Camilo.

O volume seguinte, *O Demónio do Ouro*, sai no final de 2014 e o texto da obra é também estabelecido tendo por base o manuscrito original do autor.

Em 2015, é publicado o último volume conhecido, *A Sereia*. A edição crítica desta obra é, ao contrário das já publicadas, realizada a partir das edições do livro em vida do autor, uma vez que se desconhece o paradeiro do manuscrito inicial.

Seguindo o desejo do coordenador da coleção, e pertencendo ao grupo de estudantes e professores que trabalharam na fixação do texto crítico de algumas das obras



Figura 1 – Cartaz de lançamento da coleção.

de Camilo Castelo Branco (autointitulado Grupo Camilo) foi-me proposto que, como estágio curricular do Mestrado de Crítica Textual, preparasse e seguisse a edição crítica do próximo volume a ser publicado pela IN-CM – *Memórias do Cárcere*.

2. Camilo Castelo Branco e as *Memórias do Cárcere*

*...fui ao tribunal do crime, pedi um mandado de prisão, mediante o qual obtive do carcereiro licença de recolher-me a uma das masmorras altas da Relação. Era o primeiro dia de outubro de 1860. (...) Que formoso céu e sol; que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem à porta da cadeia!*¹

É o próprio Camilo Castelo Branco que confirma, no final do seu Discurso Preliminar das *Memórias do Cárcere*, o dia que deu entrada na cadeia da Relação do Porto. Acusado de adultério com D. Ana Augusta Plácido, o escritor cumpre pouco mais de um ano de clausura, saindo em liberdade a 16 de outubro de 1861. Uma clausura que se desviava um pouco do conceito da palavra e das normas da época. Como nos transmite Maria Alzira Seixo, Camilo «está apesar de tudo razoavelmente instalado, tem os livros e a mesa de escrever, sai para passear de vez em quando, não é maltratado nem sofre tormentos de masmorras ou carcereiros».² Nesta liberdade disfarçada, o autor deixou correr a pena, e logo no capítulo II das *Memórias* nos diz que iniciara trabalho na sua primeira noite de reclusão: «Fez-me bem esta leitura. Principiei logo a pôr em português as vinte páginas que lera, com o intento de fazer publicar o livro inteiro em folhetins.»³ Com a tradução da *Arte de Ser Feliz* de J. Droz começa, apesar de toda a conjuntura, um dos períodos mais férteis na sua vida de escritor. Segundo Aníbal Pinto de Castro, no Prefácio a uma das edições das *Memórias do Cárcere* ⁴, e o próprio Camilo

¹ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, p. 44, no prelo.

² Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, prefácio e organização de Maria Alzira Seixo, Lisboa, Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, 2011, p. 17.

³ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, p. 53.

⁴ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, prefácio e fixação do texto de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, 2001, pp.21-22.

Castelo Branco num dos capítulos finais do mesmo livro ⁵, as obras produzidas e rapidamente editadas foram as que se seguem:

- *Anos de Prosa* – remodelou os capítulos iniciais que começariam a ser publicados n' *A Revolução de Setembro*, em 3 de janeiro de 1861;
- *Fanny* de Ernet Feydeau – traduzida e editada em 1861, por Gomes da Fonseca;
- *O Romance dum Rapaz Pobre*, de Octave Feuillet – traduziu alguns capítulos publicados a partir de 11 de janeiro de 1861, n' *O Comércio do Porto*;
- *Doze Casamentos Felizes* – diz-nos Camilo que escreveu «seis ou sete na cadeia»;
- *O Romance dum Homem Rico* – aproveitando umas notas que lhe haviam sido confiadas por António José Coutinho, seu companheiro de reclusão, esboçou a obra, logo editada em 1861, pela Viúva Moré;
- *Amor de Perdição* – o escritor retratou em 15 dias, que considerava os «mais atormentados da sua vida», a trágica paixão do tio, Simão António Botelho, que o precedera naquela mesma cadeia;
- finalmente, e «na convalescença de uma grande enfermidade moral» escreveu «em quarenta dias de laboriosa provação» as *Memórias do Cárcere*.

A publicação da obra, pouco tempo depois da reclusão do autor, com um título que tanto oferecia à imaginação dos curiosos, acabou por não satisfazer quem a adquirira na esperança de encontrar «uma diatribe eriçada de injúrias, sarcasmos e glosas ao escândalo, que desgraçadamente as dispensava: tão à luz do Sol se desnudara arrastado por praças e tribunais.»⁶

Camilo oferecia ao público o que lhe tinham oferecido na prisão: um conjunto de histórias das vidas dos reclusos que com ele conviveram durante um ano na cadeia da Relação do Porto.

As *Memórias do Cárcere* tiveram, em vida do autor, três edições. A 1.^a saiu, em dois volumes, em 1862 no seguimento do *Amor de Perdição*, pela casa editora Viúva Moré. A 2.^a edição saiu dois anos mais tarde (1864), pela mesma casa editora, e foi revista pelo autor. Apresenta um Prefácio do mesmo, não tem a Conclusão que encerrava a primeira edição e os capítulos dos dois volumes vão ordenados sequencialmente e não

⁵ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, p. 279-284, no prelo.

⁶ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, p. 9, no prelo.

separados em partes. São numerosas as variantes que a distinguem da 1.^a edição. Algumas podemos atribuí-las ao revisor, numa tentativa de normalização da grafia do texto, e que o autor, prestando ou não atenção, firmou como suas ao afirmar no Prefácio que reviu a obra. Porém existem variantes que são, sem sombra de dúvida, da mão de Camilo, pois só o escritor se atreveria a adicionar notas ao seu texto e a cortar o que menos gostava. Pelas suas próprias palavras: «Esses relanços desagradam-me agora, e hei de cancelá-los espontaneamente.»⁷

A 3.^a edição saiu em 1881, pelo editor João Evangelista da Cruz Coutinho. Segundo Ivo Castro:

*Após o fecho da casa Viúva Moré, Evangelista comprou os direitos e o material impresso de várias obras de Camilo, que reaproveitou para pseudo-novas edições, «substituindo os frontispícios antigos por outros novos indicativos de sua casa», segundo informa Henrique Marques. Mas este mesmo bibliógrafo distingue a 3.^a das Memórias do Cárcere como sendo uma edição nova, o que parece confirmar-se com o cotejo das duas edições.*⁸

Esta edição foi também publicada em dois volumes. Apresenta uma composição nova, o tipo é diferente, e corrige um erro de numeração dos capítulos da 2.^a edição (o capítulo XVI estava numerado como XIV). Em nome próprio posso afirmar que a observei e comparei com a segunda. Apesar de apresentar variações na grafia de algumas palavras (*intardecer* para *entardecer*, *derigiu* para *dirigiu*, *surprende* para *surpreendeu* e *menólogos* para *monólogos*), que até poderiam aumentar com um cotejo mais exaustivo, a verdade é que mantém a maior parte das grafias dialetais típicas de Camilo, presentes na 2.^a edição. Perpetua também todos os erros que a 2.^a edição continha (*passos por paços*, *inconoclasta* por *iconoclasta*, *não via há três anos* por *não vi há três anos* e *andou fugitivo da casa em que sua mulher vivia* por *andou fugitivo de casa em que sua mulher vivia*). Deste modo, não é possível dar crédito ao frontispício que afirma ser uma edição revista pelo autor (ver Figura 2). Para além do que já foi explicado, é preciso ter em conta a fase da vida de Camilo em que a 3.^a edição foi publicada. Em 1881, o escritor, recolhido na sua casa de S. Miguel de Seide, onde viria a morrer nove anos mais tarde, já não possuía

⁷ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, p. 9, no prelo.

⁸ Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, p. 356, no prelo.

a mesma rapidez de produção e a sua atenção estava centrada na sua família e no seu estado de saúde que se ia agravando. Assim escreveu, no final de 1880, ao seu editor na altura, Eduardo da Costa Santos, sobre uma das obras que lhe prometera:

*Não posso moral nem fisicamente trabalhar. Tenho de desfazer o contrato feito quanto ao manuscrito, por absoluta impossibilidade de por enquanto o satisfazer. Não posso sequer escrever sem grande custo uma carta.*⁹

Se o seu estado mal lhe permitia cumprir os contratos feitos para novos livros, muito mais difícil seria Camilo ter saúde, cabeça e vontade para rever uma obra publicada há quase 20 anos.

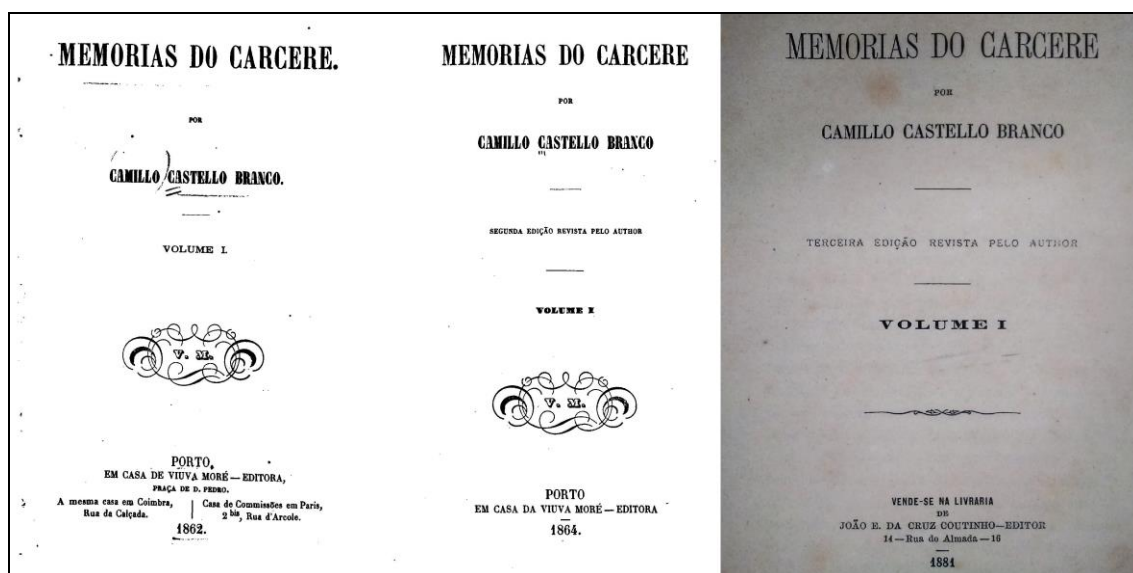


Figura 2 – Frontispícios da 1.^a (1862), 2.^a (1864) e 3.^a (1881) edições.

⁹ Camilo Castelo Branco, *Correspondência de Camilo Castelo Branco* – vol. VI, recolha, prefácio e comentários de Alexandre Cabral, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 29.

AS MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Nesta parte do trabalho apresentarei o trabalho que desenvolvi, desde o início, com o texto das *Memórias do Cárcere*.

Gostaria de evidenciar que o contacto com a obra se desenvolveu em duas fases, com algum tempo de intervalo (cerca de quatro anos). Primeiramente, e ainda sem ter projetos sobre a tese/estágio que iria efetuar no final do Mestrado de Crítica Textual, colaborei com o Professor Dr. Ivo Castro na fixação do texto crítico das *Memórias*. Neste ano, foi-me proposta a conclusão desse trabalho aliando-o a um estágio na IN-CM onde acompanharia o processo de edição da obra.

Os exemplos que aparecerão muitas vezes referenciados ao longo do texto serão introduzidos na parte destinada aos Anexos. Optei por esta estrutura pois muitas vezes foi necessário reproduzir páginas inteiras de documentos originais ou de provas que, aparecendo no seguimento do texto iriam cortar a sua sequência, dificultando a leitura e compreensão. Deste modo, peço que a sua leitura não seja descurada, uma vez que são parte essencial para uma compreensão completa de todo o trabalho que realizei nesta obra.

1. Fixação do texto crítico

Em 2013, e estando inserida no Grupo Camilo, fui incumbida pelo Professor Dr. Ivo Castro de fixar criticamente, com o seu acompanhamento, o texto das *Memórias do Cárcere*. Tendo em conta o que foi dito anteriormente no ponto dois da Introdução, o trabalho de fixação teve por base a 1.^a e a 2.^a edições da obra.

Recebi do Professor Dr. Ivo Castro o documento em formato *word* que continha o texto integral da obra, obtido através de imagens das páginas da 1.^a edição que foram processadas por um *software* de Reconhecimento Ótico de Caracteres (do Inglês, *Optical Character Recognition* – OCR). Este tipo de programa reconhece, nas imagens fornecidas, os caracteres que formam o texto e devolve ao utilizador esse mesmo texto num formato editável, neste caso, um ficheiro *word*. No entanto, não é um reconhecimento completamente fiável e é necessária, posteriormente, uma verificação atenta. Para além disso, o programa reconhece e reproduz todos os caracteres, sejam eles cabeças, números de páginas ou o texto em si. No Anexo I – Exemplo 1 apresento um excerto do documento, seguido do original de onde foi retirado (Anexo I – Exemplo 2).

Podemos verificar que existem caracteres que não foram reconhecidos corretamente (*retraio* por *retrato*, *lisica* por *tisica*, *comrnoção* por *commoção*, *successivos* por *successivos*, *desbonra* por *deshonra*), palavras hifenizadas (*an-ciedade*, *marty-rios*), números das páginas originais, falta da entrada de parágrafo, palavras reconhecidas erroneamente (*paes* por *pães*). Assim sendo, foi necessário, numa primeira fase, realizar uma comparação com o original e corrigir todos os erros criados pelo programa de OCR.

Seguidamente, atualizou-se a grafia para o acordo ortográfico vigente, eliminando letras duplas – *ll, ff, nn, pp, mm*; substituindo letras – *abysmo* por *abismo*, *logar* por *lugar*, *enchutos* por *enxutos*, *mezes* por *meses*; reformulando o emprego dos pronomes clíticos – *restituil-a* por *restituí-la*, *salval-a* por *salvá-la*, *revivêl-a* por *revivê-la*; retirando, substituindo e colocando acentos – *conhecêra* por *conhecera*, *á* por *à*, *remedio* por *remédio*; entre outras situações.

Só após todo este trabalho de confirmação da correção do texto e atualização da ortografia é que passei à fase de cotejo das duas edições. Destas, possuo apenas a sua versão em formato pdf que, no caso desta obra, se encontra disponível na *internet*. São documentos conseguidos através da passagem por um *scanner* de todas as páginas do livro original. Tendo os dois documentos em formato pdf abertos no monitor, a pesquisa dos locais de variação passou por uma leitura lenta e cuidada das duas edições em simultâneo (ver Figura 3).

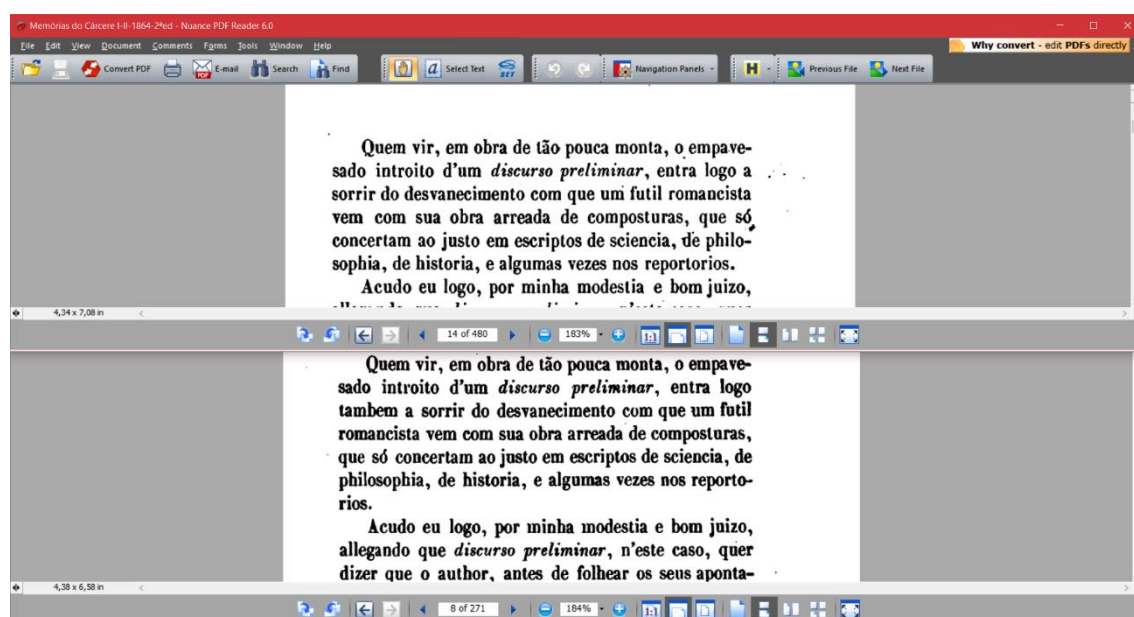


Figura 3 – Exemplo do processo de cotejo das duas edições das Memórias do Cárcere.

Os locais de variação foram assinalados no texto crítico com chamadas de nota que remetem para o Aparato Crítico que se encontra no final da obra. No Anexo I –

Exemplo 3 podemos ver um excerto de uma página que nas duas edições apresentava variação (neste caso uma lacuna) e que se traduziu na nota de aparato presente no mesmo exemplo.

No final da comparação das duas edições, desloquei-me à Biblioteca Nacional para poder observar mais atentamente a 3.^a edição da obra. Já sabia, por uma visita anterior, que esta não seria uma «falsa edição» com um novo frontispício, pois apresentava composição e tipo diferente das anteriores. Voltei a verificar, primeiramente, que a 3.^a edição não tinha nem novo Prefácio nem novas notas ao texto. Uma vez que não dispunha da mesma facilidade de recursos na comparação dos textos que tive na comparação das edições anteriores (lado a lado no mesmo formato) optei por verificar se todos os locais de variação já marcados entre as duas primeiras edições se mantinham ou eram alterados. Apenas dois locais de variação apresentavam lição diferente da 2.^a edição:

- menólogos] *Assim nas duas eds.* – A 3.^a edição corrigiu para monólogos;
- E meu filho?] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a E meu filho!* – A 3.^a edição acompanha, neste caso, a pontuação da 1.^a edição.

A 3.^a edição perpetuava também, como referido anteriormente, todas as lições erradas da 2.^a:

- paços] *Conforme a 1.^a ed., pois a 2.^a desliza para passos;*
- iconoclasta] *inconoclasta na 2.^a ed.;*
- via] *vi na 2.^a ed.;*
- andou fugitivo da casa] *Assim na 1.^a ed.; a 2.^a tem andou fugitivo de casa.*

Depois, utilizando o texto crítico das *Memórias*, já em formato word, efetuei uma pesquisa de todas as variações dialetais comuns nas obras camilianas (palavras como: *escondrijo, dezesseis, inflora, arripiar, infezados, surpreendeu*, etc.) e verifiquei se as mesmas se mantinham. Confirmei que, de todas as presentes na 2.^a edição, apenas três foram corrigidas (*intardecer* para *entardecer*, *derigiu* para *dirigiu* e *surpreendeu* para *surpreendeu*).

Toda a informação recolhida foi adicionada, quando necessário, ao Aparato Crítico. Como se suspeitava, a 3.^a edição nada trouxe de novo ao texto das *Memórias* e deste modo, deu-se por completa a fixação do texto crítico tendo por base o texto da 2.^a

edição, o último que Camilo alterou. É necessário ter em conta que, apesar disso, existem lições erróneas nessa edição (o caso, por exemplo, de *passos* por *paços*) que foram substituídas pelas corretas, presentes na edição anterior.

2. O processo de edição

Nesta parte menciono todo o trabalho que desenvolvi em conjunto com a IN-CM, em 2016, no âmbito do estágio curricular do Mestrado de Crítica Textual, para a criação do novo volume da coleção *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco*.

O estágio decorreu no edifício da Imprensa Nacional (IN), entre 10 de maio e 28 de julho, três dias por semana, das 9:30 às 17 horas. Fui acompanhada e guiada pela editora Susana Arnaud – editora d’ *A Sereia*.

Na Imprensa Nacional tive acesso a um local de trabalho com um computador com ligação à *internet*, uma conta de *e-mail* e um telefone que facilitaram a minha comunicação com as outras entidades da produção do livro.

Apesar de a apresentação desta parte ser bastante linear, é necessário referir que algumas etapas foram, muitas vezes, desenvolvidas ao mesmo tempo ou intercaladas nos tempos de espera da paginação, introdução de emendas e pedidos de propostas gráficas.

Não irei poder concluir, por muito pouco, o caminho deste livro até à sua impressão, mas aqui fica descrito todo o trabalho que acompanhei e realizei até ao término do meu estágio.

• Primeira revisão

Chegada à Imprensa Nacional, foi-me pedido que fizesse uma primeira revisão do texto das *Memórias do Cárcere* que tinha fixado em 2013. Apesar de ter sido eu a preparar o texto, o intervalo de tempo entre os dois projetos (fixação e edição) foi longo o suficiente para só me sentir confortável após uma revisão mais aprofundada e cuidada da obra. Assim sendo, para esta primeira revisão voltei a utilizar as três primeiras edições da obra que me serviram de apoio em casos de dúvida.

Nesta fase, não existem ainda os preciosismos da formatação que irá pedir a paginação e, por isso, o foco é simplesmente o texto em si, bastando para isso uma impressão do documento que se encontrava em formato *word*.

Munida das três edições, percorri as *Memórias do Cárcere* prestando cuidado na comparação da 1.^a com a 2.^a edição de forma a confirmar os locais de variação já marcados e possivelmente encontrar outros (o que se veio a verificar apesar do meu escrutínio em 2013). A 3.^a edição serviu apenas para confirmação de que realmente esta não iria acrescentar nada de novo ao texto da obra, tal como já referi anteriormente.

Confirmei e completei a atualização da ortografia da obra para o Acordo Ortográfico de 1990. Uniformizei o uso de maiúsculas e minúsculas (na denominação de locais públicos – maiúscula; formas de tratamento – minúscula; entidades divinas – maiúscula; etc.), das palavras com dupla grafia, escolhendo e mantendo a opção ortográfica ao longo do texto (como é o exemplo de característica/caraterística, espectador/espetador, etc.), tentando que a nível ortográfico o texto fosse uniforme e cumpridor do novo Acordo.

Após esta primeira leitura e revisão a fundo, a obra ficou nas mãos de uma revisora da IN-CM que confirmou as emendas e as introduziu no ficheiro *word*. Este foi novamente impresso, revisto e estava assim pronto para a fase seguinte.

- **Marcação do original**

Neste ponto, é necessário introduzir primeiro o documento que serviu de guia para criação deste livro e de todos os anteriores. Sendo uma coleção, a IN-CM criou um *Livro de estilos gráficos para o miolo* (ou seja tudo o que fica entre a capa e a contracapa) para que todos os livros apresentassem graficamente o texto de forma igual (ver Anexo II). Assim, o *Livro de estilos* é a regra a seguir no que diz respeito ao estabelecimento das margens, do tamanho da mancha escrita, do espaçamento entre linhas, dos tipos de letra e tamanhos a utilizar consoante o tipo de texto (isto é, o texto da obra propriamente dito, as páginas do anterrosto e rosto, a ficha técnica, etc.). Para esta fase o importante é criar um “esboço” do que será o miolo em si e passar essa informação à paginadora. Deste modo, e seguindo a página 8 do *Livro de estilos*, recriei a aparência final que o miolo iria ter. Esta recriação é feita em papel e segue para a paginadora. Assim, o documento entregue continha:

- primeira página em branco (todas as páginas brancas são assinaladas como “branca”);
- segunda página em branco;
- terceira página – anterrosto (nesta fase apenas assinalada como “anterrosto” para lhe ser reservado o espaço onde mais tarde o *designer* o irá incluir);
- quarta página em branco;
- quinta página – rosto (que será numa fase posterior também adicionado pelo *designer*);
- sexta página – ficha técnica (foi utilizada uma impressão da ficha técnica d’ *A Sereia* modificada manualmente para a inserção do ISBN, data de publicação, depósito legal e n.º de edição das *Memórias do Cárcere* que me foram fornecidos);
- da sétima página em diante segue o texto da obra propriamente dito (que já contém a Nota Editorial e o Aparato Crítico). No caso das *Memórias do Cárcere*, na sétima página foi colocada uma impressão do rosto da edição de 1864 (a edição a partir da qual o texto é fixado) para que a paginadora a pudesse recriar o mais aproximadamente possível, seguindo o já feito nos outros volumes da coleção;
- no final é também adicionada uma página que dará lugar, após a paginação, ao Índice e esta “maquete” do livro termina com uma página branca.

O texto da obra propriamente dito seguiu para a paginadora tal como estava após a primeira revisão. Encontrava-se num ficheiro *word* que não tinha as formatações exigidas pelo *Livros de estilos gráficos do miolo* e que seria, assim, completamente formatado para corresponder ao grafismo estabelecido para a coleção. Deste modo, foi necessário percorrer todo o documento para marcar os locais onde entraria nova formatação pela primeira vez, avisando a paginadora do modo como, por exemplo, entrariam os capítulos (ver Figura 4), e onde se queria que a formatação original fosse respeitada (por exemplo, ver Figura 5) para preservar, sem entrar em conflito com o estilo gráfico da coleção, a edição de 1864 e a última vontade do autor.

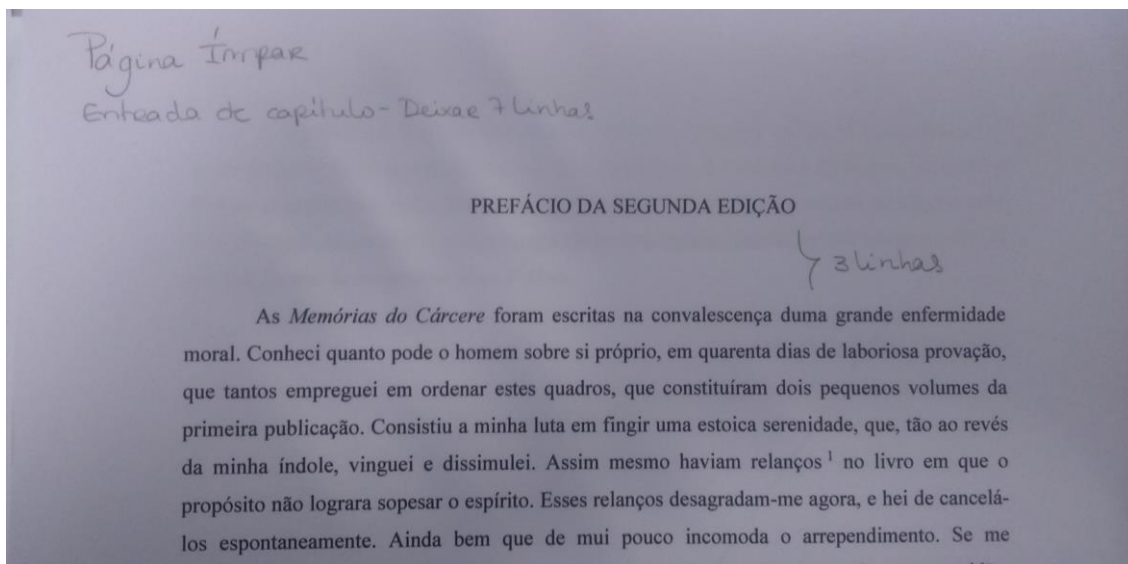


Figura 4 – Marcação da entrada de capítulo. Indicações: Página ímpar, Entrada de capítulo - deixar 7 linhas, deixar 3 linhas brancas entre capítulo e texto.

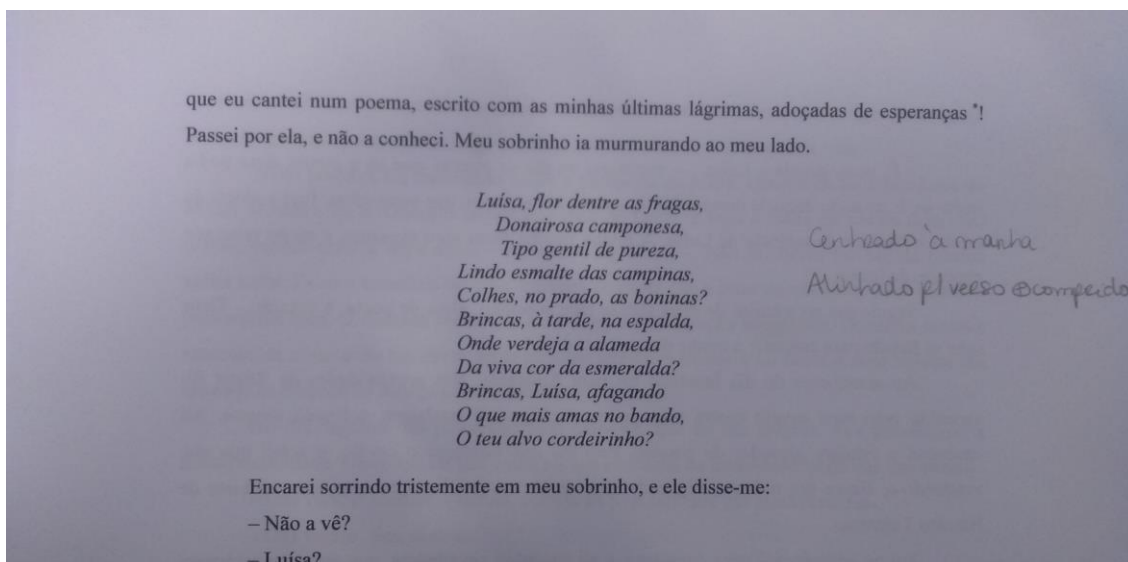


Figura 5 – Formatação de um dos poemas da obra. Na margem a indicação: Centrado à mancha e alinhado pelo verso mais comprido.

• Paginação

O processo de paginação coube à paginadora que, seguindo a minha “maquete” do livro e o *Livro de estilos gráficos* da coleção trabalhou o texto através do programa *Adobe InDesign*. É importante notar que aquando da entrega do documento em papel é também enviado o texto integral na sua última versão, neste caso em ficheiro *word*. Após a formatação e paginação do documento, este foi-me enviado em ficheiro pdf que pude imprimir e dar início assim à revisão das primeiras provas.

No Anexo III – Exemplo 1 é possível ver-se a diferença a nível da mancha gráfica, no tipo e tamanho da letra, comparando a página inicial do Prefácio no documento original e nas primeiras provas paginadas que seguem todos os requisitos de formatação da coleção.

- **Revisão de provas paginadas**

No total foram impressos quatro conjuntos de provas. Como seria de esperar as emendas, acrescentos e mudanças foram diminuindo da primeira para a última prova. Mesmo assim, não estarei a ser correta se disser que o texto está perfeito e limpo. O máximo que posso dizer é que, ao receber e rever a quinta versão do texto, fiquei de consciência tranquila por não poder encontrar nada que tivesse de ser mudado, emendado ou acrescentado.

Creio que, nesta fase, o mais simples será identificar os tipos principais de alterações que foram feitas, em vez de reproduzir de forma extensa um conjunto de provas. Como as provas foram revistas e assinaladas em papel, delas possuo apenas a sua versão em formato pdf, ficheiros que me eram enviados pelo Departamento de Edição juntamente com as suas impressões. Assim, e como forma de recriar as marcações que fiz em papel, irei marcar também os exemplos simulando o trabalho de revisão que realizei.

Um dos tipos de emendas que realizei está ligado ao cumprimento do *Livro de estilos gráficos*. No início, e sendo um texto bastante extenso, foi necessário controlar e rever os parâmetros gráficos pelos quais se regeu a obra. Algumas páginas não apresentavam número e cabeça (página esquerda – nome do autor; página da direita – título da obra) como podemos ver no Anexo IV – Exemplo 1. As notas, quando presentes na obra, seguem, como tudo o resto, regras gráficas. Neste caso, e seguindo o *Livro de estilos*, a nota deve ter sempre duas linhas brancas a separá-la do texto e um filete de divisão de 20 mm de comprimento e 0,5 pt de largura. Tal não se verificou em todas as notas e surgiram assim as emendas que dou como exemplo no Anexo IV – Exemplo 2 e Exemplo 3. Apesar de não ser especificado no *Livro de estilos*, aquando das primeiras provas verificou-se que os sinais de chamada de nota mudavam ao longo do texto. O Professor Dr. Ivo Castro recomendou que se seguisse o original e, assim, todas as chamadas de nota são assinaladas por asteriscos, mudando-se o sinal caso surgissem duas notas na mesma página (ver Anexo IV – Exemplo 4 e 5). Seguindo as diretrizes do *Livro*

de estilos vemos também que as entradas de capítulo são na oitava linha da mancha e que estão separadas do início do texto por três linhas brancas. Em alguns capítulos das provas o mesmo não ocorreu. Tal pode ser verificado no Anexo VI – Exemplo 6.

Durante o processo de marcação de original, onde criei a “maquete” do livro, comecei por introduzir cortinas de início de volumes que antecederiam os respectivos rostos originais. Como disse anteriormente, a 2.^a edição das *Memórias* foi publicada em dois volumes. Tomei esta decisão porque, na altura, me baseei noutro volume da coleção – *O Demónio do Ouro* – que apresentava cortinas demarcando que o texto tinha sido também ele originalmente publicado em dois volumes. No entanto, estas divisórias acabaram por ser eliminadas nas provas, seguindo o conselho do Professor Dr. Ivo Castro. O facto de, da 1.^a para a 2.^a edição das *Memórias do Cárcere*, a numeração ter passado a ser sequencial entre os volumes, não havendo assim uma separação em partes do texto, foi a razão determinante para esta escolha.

Quando realizei a primeira revisão do texto crítico da obra descobri que não tinham sido apontados todos os locais de variação entre edições e, portanto, teriam de ser criadas novas entradas no Aparato Crítico das *Memórias do Cárcere*. As novas notas críticas foram assim introduzidas nas provas seguintes, após aprovação do coordenador da coleção. Foram também introduzidos mais alguns pormenores a algumas das notas existentes. A diferença no aparato crítico entre as primeiras e as últimas provas é bem patente no Exemplo 7 e 8 do Anexo IV, onde destaquei todas as novas entradas e aquelas que sofreram mudanças.

De notar que, na altura em que fiz a modificação do aparato na IN foi nas provas em papel. Deste modo, e uma vez que o texto a introduzir era muito extenso apenas assinalei que entraria nova chamada de nota. No aparato crítico sinalizei a introdução da nota remetendo para uma folha em anexo onde escrevi todas as notas em falta.

Sendo uma obra onde o autor conta várias histórias, dos presos que conviveram com ele na altura em que cumpriu pena na cadeia da Relação do Porto, temos algumas vezes falas muito extensas que contêm, no seu interior, outras. No original, essas falas iniciam-se com aspas baixas e estas repetem-se sempre que na fala se abre um novo parágrafo. As aspas apenas se fecham no final do relato da personagem. Esta repetição de aspas dentro de aspas tornava, por vezes, a leitura confusa havendo dificuldade em atribuir as falas corretas às personagens envolvidas. Sendo assim, optou-se por substituir, sempre que uma nova fala ocorria, as aspas baixas por aspas altas (ver Anexo IV – Exemplo 9).

O texto inicial fixado criticamente foi, como já disse anteriormente, todo trabalhado em formato *word*. Foi um ficheiro que teve várias versões e passou no mínimo por dois computadores diferentes com, muito provavelmente, editores de texto com versões distintas. Todas estas mudanças e desigualdades acabam por marcar o próprio ficheiro e, deste modo, criar gralhas que não consegui eliminar digitalmente por se encontrarem invisíveis, já que apenas em programas utilizados para paginação, dos quais não possuo conhecimento, se podem discernir essas falhas. Assim sendo, nas primeiras provas conferi que o texto apresentava muitas linhas brancas, inexistentes tanto nas duas primeiras edições como no próprio ficheiro *word* (ver Anexo IV – Exemplo 10).

De um modo geral, e tendo a obra sofrido uma primeira revisão extensa, as restantes emendas exemplificadas foram pontuais. Utilizando os meus conhecimentos (adquiridos no Seminário de revisão de original, no Curso de revisão de texto que completei este ano e na minha própria experiência profissional) e recorrendo à ajuda da editora Susana Arnaud quando em dúvida, marquei todos os restantes locais que precisariam de intervenção. Alguns exemplos são de faltas de pontuação (Anexo IV – Exemplo 11), pontuação errada (Anexo IV – Exemplo 12), translineações (Anexo IV – Exemplo 13), alinhamento do texto (Anexo IV – Exemplo 14), finais de linha onde a frase iniciava com apenas um artigo (Anexo IV – Exemplo 15).

Finalmente, nas terceiras provas, o Professor Dr. Ivo Castro alertou-me para o facto de alguns capítulos terminarem em página ímpar com muito pouco texto, ficando assim, a página final quase branca, seguida de página par branca, só depois iniciando o capítulo seguinte na nova página ímpar (seguindo o estabelecido pelo *Livro de estilos gráficos para o miolo*). Analisei com a editora Susana Arnaud todos os capítulos da obra e pedimos à paginadora que verificasse se seria possível recorrer o texto em alguns dos capítulos de forma a passar o texto que “sobrava” no início de uma nova página para a página anterior. Estes casos estão muito dependentes do espaçamento que existe entre as palavras do texto. A paginadora verifica se é possível colocar mais palavras por linha (sem desvirtuar a mancha textual) subindo assim o texto e diminuindo o número de páginas. Só foi possível eliminar esta situação no capítulo XX, onde as últimas três linhas do capítulo terminavam na página 213 e o novo capítulo só iniciava na seguinte ímpar, a página 215. Nas quartas provas, o capítulo XX termina na página 212 e assim o novo capítulo inicia-se já na página 213 (ver Anexo IV – Exemplo 16 e 17).

Apesar de ter sido principalmente um aspeto estético que esteve no início deste aperfeiçoamento, a redução do número de páginas total da obra (de 370 para 368) tornou-

se importante para a constituição, numa fase posterior, do número de cadernos do livro. Neste caso, a editora Susana Arnaud alertou-me para o facto de, a ser possível, se devia tentar fazer com que a obra ficasse com um número de páginas que fosse favorável à constituição de cadernos de 8 folhas (ou seja, 16 páginas) completos para a impressão. Deste modo, as 368 páginas da obra ficarão compostas em 23 cadernos de 16 páginas.

• Capa, anterosto e rosto

Os volumes da coleção *Edição Crítica de Camilo Castelo Branco* têm uma capa branca com cor na lombada, e nas badanas que é igual à cor do título (ver Figura 6). Todo o grafismo da capa já se encontra definido e todos os volumes seguem a mesma estrutura de capa, mudando apenas a cor.



Figura 6 – Quarto volume da coleção - A Sereia.

Para a escolha das cores tentou-se, ao longo da coleção, que estas estivessem relacionadas com o título. Assim, por exemplo, *A Sereia* segue o azul do mar e *O Demónio do Ouro*, o amarelo do metal.



Figura 7 - Vista das lombadas de todos os volumes já publicados pela coleção.

Quanto às *Memórias do Cárcere*, a escolha não foi fácil. Teria de ser uma cor indicativa do teor da obra, mas também uma cor que se coadunasse com as já existentes (ver Figura 7). Através de guias Pantone pude escolher algumas cores que achei que seriam indicadas para a obra. Uma vez que cores como o preto e o cinzento (que será provavelmente as cores que mais associamos ao termo cárcere/prisão) estavam fora de questão, por não se integrarem bem com os volumes já publicados, optei por uma cor que se aproximasse do tom sépia das fotos (provavelmente inspirada pela edição das *Memórias do Cárcere* pela casa editora Parceria A. M. Pereira que, apesar de ter uma capa preta possui fotografias dos presos que protagonizaram as histórias contadas por Camilo).

Escolhi o Pantone 7615C que podemos ver no Anexo V. Satisfeita com a escolha pedi ao *designer* para fazer uma impressão da prova para ver como a cor se comportava em papel (não o papel da capa), uma vez que existe sempre alguma diferença entre o que o computador nos mostra e a cor que fica impressa. Apesar de notar uma certa diferença, não foi uma cor que me desagradou e integrou-se bem com os restantes volumes da coleção (ver Figura 8).

Na altura da prova de capa pedi também ao coordenador da coleção o texto que apareceria na badana direita (nome da próxima obra a ser publicada pela coleção) e na contracapa (um breve texto sobre a obra de Abel Barros Baptista).

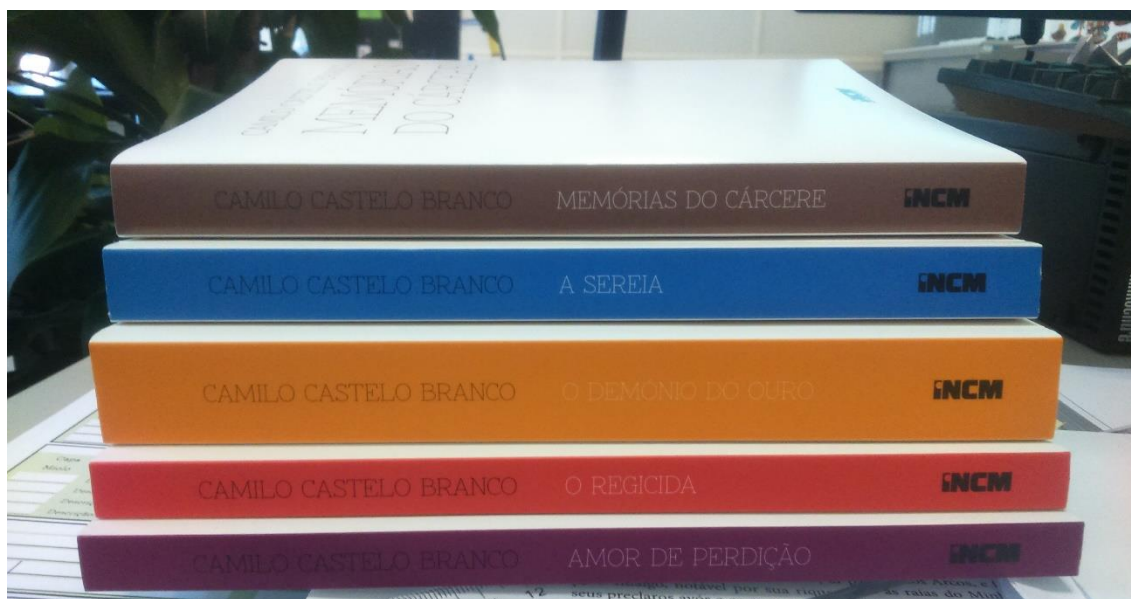


Figura 8 – Impressão da prova de cor da capa dobrada e colocada ao lado das obras já publicadas.

O anterrosto e rosto estão definidos pelo *Livro de estilos gráficos* (ver Anexo II, pp. 9-10) e foram pedidos também pedidos ao *designer* gráfico juntamente com o pedido de capa (ver Anexo VI).

Encontramo-nos, nesta fase, na reta final do meu estágio. Com as últimas provas, o *designer* colocou o anterrosto e o rosto nas páginas que lhe eram devidas. Estas quintas provas não chegaram a ser impressas. O texto encontrava-se pronto e apenas o revi no computador, em ficheiro pdf.

Preenchi a ficha técnica do livro com todos os dados para o pedido de impressão. Esta contém:

- Identificação do livro: título, autor, coleção, edição – neste caso, 1.^a, código do produto, depósito legal, ISBN e a tiragem – mil exemplares.

- Indicações técnicas. Neste caso, segui os valores da ficha técnica d’*A Sereia* que a editora Susana Arnaud me disponibilizou. Assim temos: formato do miolo – 148 mm × 208 mm; formato da capa – 150 mm × 208 mm; com capa mole, badanas, cosida à linha, com seixas de 2 mm (parte da capa que excede o miolo) e vinco à francesa de 8 mm (camada de cola, neste caso de 8 mm, junto à lombada que cola a capa e a contracapa à primeira e à última página do miolo, respetivamente). A capa é plasticizada a mate (conferindo-lhe maior durabilidade e resistência) a vinheta (pequena gravura no centro da capa) e o título são em alto-relevo e o título terá verniz UV (para mais brilho e durabilidade). As *Memórias do Cárcere* têm 368 páginas.

– Matérias-primas: Capa em cartolina Chromocard 260 g com verso branco e miolo em papel Coral book ivory, creme 90 g, índice de mão 1,2 (relação entre a espessura e a gramagem do papel).

– Cores de impressão: Capa a preto e Pantone 7615C; texto a preto.

Com estas informações foi pedido primeiro que se calculasse a largura da lombada para a capa ser reformulada com a largura correta do miolo (neste caso, 22 mm) ficando assim pronta para impressão.

CONCLUSÃO

Como já tinha referido anteriormente, o término do período de estágio não me permitiu seguir o processo de edição das *Memórias do Cárcere* até ao seu final, ou seja a impressão da obra.

Foi uma experiência muito interessante e enriquecedora que me permitiu observar de perto e realizar muitas das etapas que transformam uma obra no objeto físico que é o livro.

Fica o meu agradecimento a todos os trabalhadores da IN-CM que me receberam e aceitaram na sua casa, durante quase três meses, e um especial obrigada à editora Susana Arnaud pela paciência e por todos os ensinamentos transmitidos.

BIBLIOGRAFIA

- Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, Porto, Viúva Moré Editora, 1862 [ficheiro pdf]. Disponível em: <https://archive.org/>
- Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, Porto, Viúva Moré Editora, 1864 [ficheiro pdf]. Disponível em: <https://archive.org/>
- Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, Porto, João E. da Cruz Coutinho – Editor, 1881.
- Camilo Castelo Branco, *Correspondência de Camilo Castelo Branco* – vol. vi, recolha, prefácio e comentários de Alexandre Cabral, Lisboa, Livros Horizonte, 1988
- Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, prefácio e fixação do texto de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, 2001.
- Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, prefácio e organização de Maria Alzira Seixo, Lisboa, Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, 2011.
- Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere*, ed. crítica de Ivo Castro e Raquel Oliveira, Lisboa, IN-CM, 2016, no prelo.

ANEXOS

ANEXO I – Fixação do texto crítico.

Exemplo 1 – Excerto do documento, em formato *word*, criado pelo *software* de OCR.

5

para ella. Eu conhecia o retrato de Adelaide adulta, e de onze annos a conhecera a ella.

Perdidas já as esperanças de salval-a da lisica, os paes chamaram-na a si, e quizeram por ventura, com o perdão, restituil-a á vida. Não bastava isso á mulher que, apaixonada, se atirara ao abysmo d'onde sahiu moribunda. Seria necessário dar-lhe a comrnoção de esposa, ir com ella á luz do dia pela trilha, que ella furtivamente seguira de noite, e convencôl-a de sua re-habilitação anle o mundo, e no coração de seus paes.

Não foi assim : deram-lhe o arrependimento como remédio, e um leito onde morrer, se o remédio fosse ineflicaz.

No entanto Marinho teimava com desesperada an-ciedade em alcançar emprego. Abriu-se um coração ás suas supplicas. O senhor Torres, que muito podia, e tem alma para entender alheias angustias, deu um lo-gar ao senhor Marinho na Beira Alta, em fiscalisação do tabaco.

-A mim me disse o senhor Marinho, em dezembro do anno passado, que não tinha pessoa que revelasse a Adelaide as circumstancias d'elle, já então proporcionadas ao casamento. Uma senhora conseguiu fallar com a enferma, e noticiar-lhe o que ella presumia ser-lhe grande prazer, e revivêl-a.

Adelaide sorriu, e disse :

— Cala-te! Que me importa agora isso!...

E morreu, dois dias depois, em meado de dezembro de 1801.

6

Está sepultada no cemitério da Lapa.

O senhor Marinho foi visto succssivos dias ao pé d'aquelle túmulo. Chorava; mas, ainda a olhos enchutos, a sua dor têl-a-ia eu sempre como sincera.

Contei, como devia ser contado o successo, muito de relance, e a medo de magoar... Quem? De magoar a sensibilidade do leitor, que não conheceu a pobre menina; mas que se ha de já ter compenetrado do que seria aquelle agonisar de um anno.

Eu não absolve o senhor Marinho de uma culpa, e desde aqui lhe offereço a minha vida franca para me elle condemnar as minhas. Era nobre casar com aquella senhora, e morrer de fome ao lado d'ella. Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes, que habilitam para o trabalho, sahiria de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de sua família á desbonra dos meus braços.

Tal vi eu um homem aqui no Porto, que só conhece os seus varões illustrados pela riqueza, e não quer mesmo conhecer os que a pobreza assignalou com marty-rios de obscura honra. Appellidava-se aquelle moço — Ferreira Sarmento —. Escreveu em vários jornaes até 1855. O estipendio de seus escriptos não bastava ao seu pão de cada dia. Tinha elle parentes remediados, que o desampararam, por elle ter casado com uma menina pobre, forçado pelo coração, e já também pela honra. Luctou com admirável coragem alguns mezes: chegou a escrever cartas a amigos (*amigos*, meu

Exemplo 2 – Páginas originais da 1.^a edição que deram origem ao texto exemplificado em 1.

para ella. Eu conhecia o retrato de Adelaide adulta, e menina de onze annos a conhecêra a ella.

Perdidas já as esperanças de salvá-la da tísica, os paes chamaram-na a si, e quizeram por ventura, com o perdão, restituil-a á vida. Não bastava isso á mulher que, apaixonada, se atirára ao abysmo d'onde sahio moribunda. Seria necessario dar-lhe a commoção de esposa, ir com ella á luz do dia pela trilha, que ella furtivamente seguira de noite, e convencêl-a de sua reabilitação ante o mundo, e no coração de seus paes.

Não foi assim: deram-lhe o arrependimento como remedio, e um leito onde morrer, se o remedio fosse inefficaz.

No entanto Marinho teimava com desesperada anciedade em alcançar emprego. Abriu-se um coração ás suas supplicas. O senhor Torres, que muito podia, e tem alma para entender alheias angustias, deu um logar ao senhor Marinho na Beira Alta, em fiscalisação do tabaco.

A mim me disse o senhor Marinho, em dezembro do anno passado, que não tinha pessoa que revelasse a Adelaide as circumstancias d'elle, já então proporcionadas ao casamento. Uma senhora conseguiu fallar com a enferma, e noticiar-lhe o que ella presumia ser-lhe grande prazer, e revivêl-a.

Adelaide sorriu, e disse:

— Cala-te! Que me importa agora isso!...

E morreu, dois dias depois, em meado de dezembro de 1861.

Está sepultada no cemiterio da Lapa.

O senhor Marinho foi visto successivos dias ao pé d'aquelle tumulto. Chorava; mas, ainda a olhos enchutos, a sua dôr têt-a-ia eu sempre como sincera.

Contei, como devia ser contado o successo, muito de relance, e a medo de magoar... Quem? De magoar a sensibilidade do leitor, que não conheceu a pobre menina; mas que se ha de já ter compenetrado do que seria aquelle agonisar de um anno.

Eu não absolvo o senhor Marinho de uma culpa, e desde aqui lhe offereço a minha vida franca para me elle condemnar as minhas. Era nobre casar com aquella senhora, e morrer de fome ao lado d'ella. Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes, que habilitam para o trabalho, sahiria de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de sua familia á deshonra dos meus braços.

Tal vi eu um homem aqui no Porto, que só conhece os seus varões illustrados pela riqueza, e não quer mesmo conhecer os que a pobreza assignalou com martyrios de obscura honra. Appellidava-se aquelle moço — Ferreira Sarmento.—. Escreveu em varios jornaes até 1855. O estipendio de seus escriptos não bastava ao seu pão de cada dia. Tinha elle parentes remediados, que o desampararam, por elle ter casado com uma menina pobre, forçado pelo coração, e já tambem pela honra. Luctou com admiravel coragem alguns mezes: chegou a escrever cartas a amigos (*amigos*, meu

« ridade para o tigre, o veneno para a vibora, a poesia
« para o poeta, resultado da sua natureza, &c. »

Se isto tem siso commum — o que não é de todo o
ponto averiguado — não se domestica o tigre, nem se
desempeçonha a vibora, nem se moralisa o criminoso.
O poeta é que é possível espalmar-lhe o genio em prosa
chilra, e restituil-o á republica com disposições de fa-
zer coisa util, embora viva intanguido,

á triste sombra de alugueis mesquinhos,

como diz o soneteiro épico de Lisboa.

N'outro ponto d'este livro me socorrerei ainda dos
dictames do senhor doutor Ayres em relanços que ca-
reçam de avocar a sybilla á tripode.

Se isto tem siso commum — o que não é de todo o
ponto averiguado — não se domestica o tigre, nem se
desempeçonha a vibora, nem se moralisa o criminoso.

N'outro ponto d'este livro me socorrerei ainda dos
dictames do senhor doutor Ayres em relanços que ca-
reçam de avocar a sybilla á tripode.

Lacuna da 2.^a ed.: neste ponto, a 1.^a ed. continua assim: O poeta é que é possível espalmar-lhe o génio em prosa chilra, e restituí-lo à república com disposições de fazer coisa útil, embora viva intanguido, à triste sombra de aluguéis mesquinhos, como diz o soneteiro épico de Lisboa.

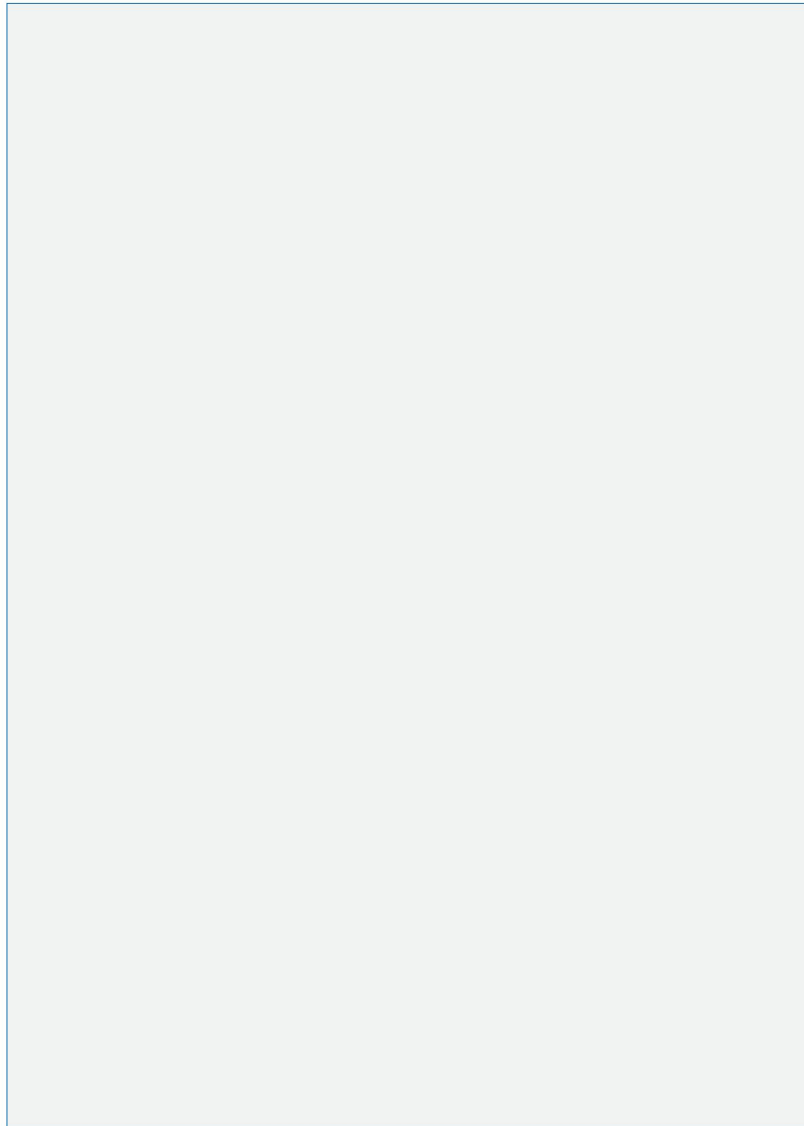
ANEXO II – Livro de estilos gráficos para o miolo.

edição crítica
C A M I L O
C A S T E L O
B R A N C O

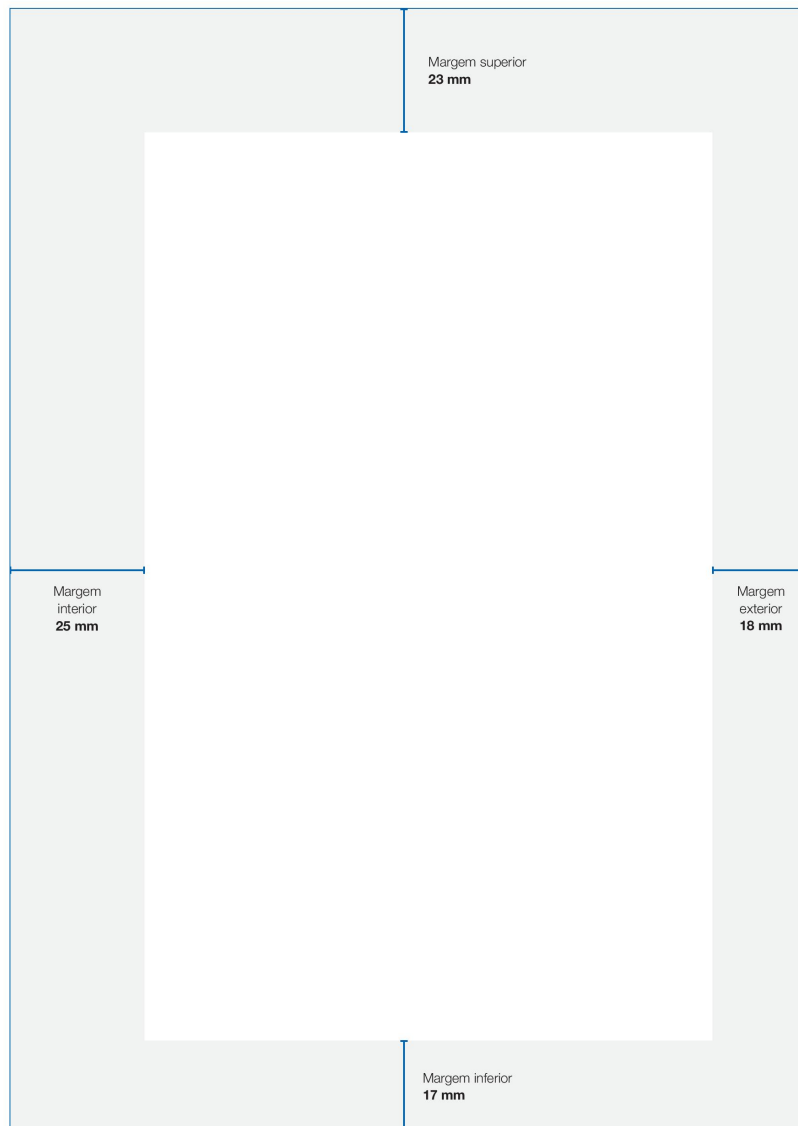
livro de estilos
gráfico para o miolo

INCM

Livro _ **dimensões**
148 mm x 208 mm



Livro _ **mancha**
105 mm x 168 mm



Livro _ fontes _ texto _ rosto

Minion Pro Regular

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789

Minion Pro Italic

*ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789*

Minion Pro Medium

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789

Minion Pro Medium Italic

*ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789*

Minion Pro Bold

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789**

Minion Pro Bold Italic

***ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789***

Znikomit Regular

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 0123456789

discórdia em que andam rixados o talento e a felicidade. Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cinquenta anos se podia prezar de o ser. E não tinha outro dote, se não é dote uma série de avoengos, uns bispos, outros generais, e entre estes o que morrera frígido em caldeirão de não sei que terra da mourisma; glória, na verdade, um pouco ardente; mas de tal monta que os descendentes do general frito se assinaram *Caldeirões*.

A dama do paço não foi ditosa com o marido. Molestavam-na saudades da corte, das pompas das câmaras reais, e dos amores de sua feição e molde, que imolou ao capricho da rainha. Este desgostoso viver, porém, não empeceu que se reproduzissem em dois filhos e três meninas. O mais velho era Manuel, o segundo Simão; das meninas uma era Maria, a segunda Ana, e a última tinha o nome de sua mãe,¹ e alguns traços da beleza dela.

O juiz de fora de Cascais, solicitando lugar de mais graduado banco, demorava em Lisboa, na freguesia da Ajuda em 1784. Neste ano é que nasceu Simão, o penúltimo de seus filhos. Conseguiu ele, sempre balanceado da fortuna, transferência para Vila Real, sua ambição suprema.

A distância duma légua de Vila Real estava a nobreza da vila esperando o seu conterrâneo. Cada família tinha a sua liteira com o brasão da casa. A dos Correias de Mesquita era a mais antiquada no feitio, e as librés dos criados as mais surradas e traçadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando o préstito das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de oiro, e disse:

– Ó Menezes, aquilo que é?

– São os nossos amigos e parentes que vêm esperar-nos.

– Em que século estamos nós nesta montanha? – tornou a dama do paço.

– Em que século?! o século tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

– Ah! sim? Cuidei que o tempo parara aqui no século doze...

O marido achou que devia rir-se do chiste, que o não lisonjeara grandemente.

Livro _ **cabeça e número de página (página esquerda)**

Número página
Minion Pro Medium — Corpo 8/10
Esquerda 18 mm do corte
Base da linha 13,5 mm do topo da página

22

Nome autor
Minion Pro Regular — Corpo 8/10
Direita 25 mm do corte
Base da linha 13,5 mm do topo da página

CAMILO CASTELO BRANCO

A large rectangular area with a light gray background, containing a white box with horizontal red lines, representing a writing area.

Livro _ **cabeça e número de página (página direita)**

Nome livro	Número página
Minion Pro Regular — Corpo 8/10	Minion Pro Medium — Corpo 8/10
Esquerda 25 mm do corte	Direita 18 mm do corte
Base da linha 13,5 mm do topo da página	Base da linha 13,5 mm do topo da página

AMOR DE PERDIÇÃO

23

A large rectangular area with a light gray background, containing a series of horizontal red lines for writing. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page, leaving a margin on the left and right.

Livro _ sequência de páginas

	Branca
	1	??	??
Branca	Ante-rosto	...	Notas ao livro
2	3	??	??
Branca	Rosto	...	Aparato crítico
4	5	??	??
Ficha técnica	Livro	...	Índice geral
6	7	??	??
...	...	Branca	
8	9	??	


Titulo livro
Znikomit — Corpo 34,5 pt
Entrelinha 38,5 pt
Stroke 0,144pt
Há liberdade para alterar o corpo conforme o título
de forma a fazer bloco

AMOR DE PERDIÇÃO

<p>Título livro Znikomit — Corpo 57,6 pt Entrelinha 64 pt Stroke de 0,24 pt Há liberdade para alterar o corpo conforme o título de forma a fazer bloco</p>	<p>Edição... Znikomit — Corpo 12pt Entrelinha 14pt</p>	<p>Nome autor Znikomit — Corpo 20,8 pt, Entrelinha 33,5 pt Stroke de 0,1pt</p>
--	--	--

CAMILO CASTELO BRANCO

AMOR DE
PERDIÇÃO



Edição de Ivo Castro

INCM
IMPRENSA NACIONAL CADA DA MODA

LISBOA — 2012

<p>Local e data MorganSans RegularCaps Corpo 7pt Entrelinha 10pt</p>
--

Livro _ **ficha técnica**

Minion Pro Regular — Corpo 7pt — Entrelinha 10pt

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design: Undo
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tiragem: 1000 exemplares
1.ª edição: novembro de 2012
ISBN: 978-972-27-2123-3
Depósito legal: 350 515/12
Edição n.º 1019166

AMOR DE PERDIÇÃO

(MEMÓRIAS DUMA FAMÍLIA)

por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Quinta edição
prefaciada e revista pelo autor

*Quem viu jamais vida amorosa que
não a visse afogada nas lágrimas do
desastre ou do arrependimento?*

D. Francisco Manuel
(Epanafora amorosa)

Editora
Livraria Moré
Porto e Braga
1879

Minion Pro Regular
Corpo 11pt
Entrelinha 14pt

Ao

Ilmo. e Excmo. Snr.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello

Dedica

o Autor

Nome/número do capítulo
Minion Pro Bold
Corpo 8 pt
Entrelinha 14pt
Caixa alta
Centrado

• PREFÁCIO DA QUINTA EDIÇÃO

Publiquei, há vinte e dois anos, o romance *Onde está a felicidade?* – Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e Narrativas*, escrevia na *Advertência*: «... Nestes quinze ou vinte anos, criou-se uma literatura, e pode dizer-se que não há ano que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e Narrativas* até o livro *Onde está a felicidade?* que vasto espaço transposto?»

Se comparo o *Amor de perdição*, cuja 5.^a edição me parece um êxito fenomenal e extra-lusitano, com *O Crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, confesso, voluntariamente resignado, que para o esplendor destes dois livros foi preciso que a Arte se atviasse dos primores lavrados no transcurso de dezesseis anos. O *Amor de perdição*, visto à luz elétrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a boçal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnização, faz rir: tornou-se cómico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso e do padre Teodoro d'Almeida.

E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso

Nota rodapé
Minion Pro Regular — Corpo 7,5 pt
Entrelinha 9pt
Abertura de parágrafo 5mm
Espaço «m» entre chamada de nota e nota
Filete 0,5 pt largura de 20mm
Manter sempre duas linhas brancas entre texto e nota

Recolhido
Minion Pro Medium — Corpo 11
Entrelinha 14
Recolhido 10mm à esquerda
Abertura de parágrafo 5 mm
Linha branca antes e depois

AMOR DE PERDIÇÃO

23

estivesse febril. Simão, porém, entre mil projetos, achara melhor o de ir para Coimbra, esperar lá notícias de Teresa, e vir a ocultar a Viseu falar com ela. Ajuizadamente decorrera ele; que a sua demora agravaria a situação de Teresa.*

Descera o académico ao pátio, depois de abraçar a mãe e irmãs, e beijar a mão do pai, que para esta hora reservara uma admoestação severa, a ponto de lhe asseverar que de todo o abandonaria se ele caísse em novas extravagâncias. Quando metia o pé no estribo, viu a seu lado uma velha mendiga, estendendo-lhe a mão aberta, como quem pede esmola, e, na palma da mão, um pequeno papel. Sobressaltou-se o moço; e, a poucos passos distante de sua casa, leu estas linhas:

«Meu pai diz que me vai encerrar num convento, por tua causa. Sofrerei tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e achar-me-ás no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as minhas cartas; e na primeira te direi em que nome hás de responder à tua pobre Teresa.»

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se o não viam nas aulas, em parte nenhuma o viam. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos condiscípulos sensatos que o aconselhavam para bem, e o visitaram no cárcere de seis meses, dando-lhe alentos e recursos, que seu pai lhe não dava, e sua mãe escassamente supria. Estudava com fervor, como quem já dali formava as bases do futuro renome e da posição por ele merecida, bastante a sustentar dignamente a esposa. A ninguém confiava o seu segredo, senão às cartas que enviava a Teresa, longas cartas em que folgava o espírito da tarefa da ciência. A apaixonada menina escrevia-lhe a miúdo, e já dizia que

* É a casa-palacete da «Rua da Piedade», hoje pertencente ao doutor António Girardo Monteiro. (Nota da 1.ª edição.)

Texto Aparato Crítico
Minion Pro Regular
Corpo 11 pt
Entrelinha 14pt
Abertura parágrafo 5mm
Chamada de nota elevada
Um espaço «m» entre número e texto

APARATO CRÍTICO

¹ das meninas uma era Maria, a segunda Ana, e a última tinha o nome de sua mãe,] *O ms. diz assim: das meninas ~~não me lembram os nomes~~*, uma era Maria, ~~outra~~ a segunda ~~Octavia~~ Anna, e a última ~~respon~~ tinha o nome de sua mãe (*Sendo esta última, D. Rita, a tia de que o narrador irá receber memórias e cartas, estranho seria que não lhe conhecesse o nome*)

² As varandas das janelas] As ~~grad~~ barandas [1 varandas] das janellas (*por aqui se vê como a 1.ª ed. regularizou certas grafias dialectais inscritas deliberadamente por Camilo no ms.*)

³ O aprumo da fidalga dobrou-se até aos grandes da província,] O aprumo da fidalga ~~curvou-se baixo~~ dobrou-se até aos grandes da província, (*selecção lexical em três fases, no ms.*)

⁴ Manuel, o mais velho de seus filhos, tem vinte e dois anos, e frequenta o segundo ano jurídico.] Manoel ~~fo~~ o mais velho de seus filhos, tem ~~quinze dezasseis~~ vinte e dois annos, e frequenta o ~~primeiro~~ segundo anno juridico. (*tripla variante, como na nota anterior, reflectindo o improvisado das notações numéricas e temporais*)

⁵ lavrava nas entranhas] ~~ard~~ lavrava nas intranhas [1 entranhas] (*este lugar alberga variantes de diversos tipos: o verbo ardia, apenas esboçado, é substituído imediatamente por lavrava; o dialectalismo intranhas é regularizado na 1.ª ed.*)

⁶ – Hás de casar! Quero que cases! Quero!... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Teresa! Morrerás num convento! Esta

Texto Aparato Crítico
Minion Pro Regular
Corpo 8 pt
Entrelinha 12 pt

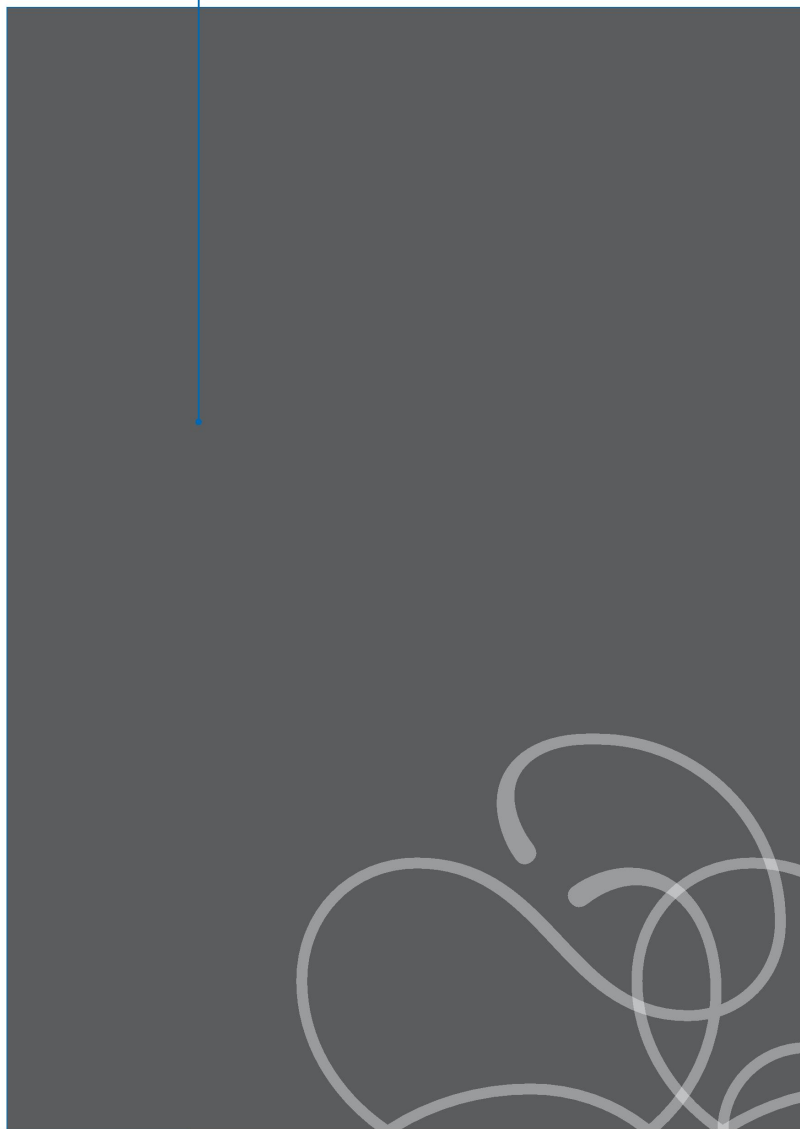
Texto Aparato Crítico
Minion Pro Bold
Corpo 8 pt
Entrelinha 12 pt

ÍNDICE

13	PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO
17	PREFÁCIO DA QUINTA EDIÇÃO
19	INTRODUÇÃO
21	I
29	II
35	III
43	IV
49	V
57	VI
69	VII
81	VIII
91	IX
99	X
113	XI
121	XII
129	XIII
137	XIV
143	XV
151	XVI
159	XVII
165	XVIII
171	XIX
177	XX
185	CONCLUSÃO
193	NOTA SOBRE O TEXTO DE AMOR DE PERDIÇÃO
201	APARATO CRÍTICO

Livro _ **separador**

Página par (caso exista)
Fundo 80% preto



Livro _ **separador**

Edição
Znikomit Regular
Corpo 12pt
Entrelinha 14pt
Centrado
Stroke 0,15pt

Título
Znikomit Regular
Corpo 50pt
Entrelinha 50 pt
Centrado
Stroke 0,27pt

TÍTULO DA OBRA

Edição de Ivo Castro



ANEXO III – Paginação.

Exemplo 1 – Diferenças gráficas entre o documento original e as provas paginadas.

<p>PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO</p> <p>As <i>Memórias do Cárcere</i> foram escritas na convalescença duma grande enfermidade moral. Conheci quanto pode o homem sobre si próprio, em quarenta dias de laboriosa provação, que tantos empreguei em ordenar estes quadros, que constituíram dois pequenos volumes da primeira publicação. Consistiu a minha luta em fingir uma estoica serenidade, que, tão ao revés da minha índole, vinguei e dissimulei. Assim mesmo haviam relanços¹ no livro em que o propósito não lograra sopesar o espírito. Esses relanços desagradam-me agora, e hei de cancelá-los espontaneamente. Ainda bem que de mui pouco incomoda o arrependimento. Se me disserem que outro homem poderia dar mais louvável exemplo de cordura e mansidão, responderei que exemplo mais louvável só poderia dá-lo quem se calasse, em analogia de circunstâncias. Isso, a tê-lo eu feito, me seria agora motivo de muito orgulho – o orgulho de quem se levanta superior às dores e às afrontas.</p> <p>Este livro esteve a naufragar, quando eu cuidava que ele ia velejando em mar de leite. O título dera esperanças, que o texto desmentira. Afizera-se o venerando público à ideia de que as <i>Memórias do Cárcere</i> eram uma diatribe eriçada de injúrias, sarcasmos e glosas ao escândalo, que desgraçadamente as dispensava: tão à luz do sol se desnudara arrastado por praças e tribunais. Saiu o livro, mentindo às esperanças de muita gente, que o esperava à feição de sua vontade para ter o prazer de me condenar. O resultado foi condenarem-me porque raras vezes estas páginas se enlamearam no assunto lastimável que as sugeriu.</p> <p>Para contrafazer ao desconceito que algumas pessoas votaram ao livro, saiu-me favorável o parecer doutras, que mostraram desejo de ver esta obra expurgada de algumas manchas que lhe afeiam a continente placidez com que discorre quasi sempre arredada da minha questão toda pessoal, e por isso mesmo odiosíssima.</p> <p>Desgostos mais graves me sobrevieram. Inimigos mais estúpidos que maus quiseram ver, no modo como falei do meu prestante e obsequiador amigo José Cardoso Vieira de Castro, uma intencional e pouco rebuçada desconsideração. Doe-me deveras isto, mormente porque Vieira de Castro, de feito, se quis ver desconsiderado nesses períodos, que vão agora integralmente reproduzidos. A calúnia do gentio, empenhado em desatar os laços de muita estima e obrigação que me ligam àquele cavalheiro, enojava-me; porém, o assentimento do moço ilustrado às aleivosias dos lorpas doeu-me no mais sensível da minha alma. Se eu agora retocasse alguma das palavras referidas ao meu amigo, quem maior testemunho dava da sua miséria seria eu. Os alarves batiam as palmas, e Vieira de Castro pasmalaria!</p> <p>4</p>	<p>PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO</p> <p>As <i>Memórias do Cárcere</i> foram escritas na convalescença duma grande enfermidade moral. Conheci quanto pode o homem sobre si próprio, em quarenta dias de laboriosa provação, que tantos empreguei em ordenar estes quadros, que constituíram dois pequenos volumes da primeira publicação. Consistiu a minha luta em fingir uma estoica serenidade, que, tão ao revés da minha índole, vinguei e dissimulei. Assim mesmo haviam relanços¹ no livro em que o propósito não lograra sopesar o espírito. Esses relanços desagradam-me agora, e hei de cancelá-los espontaneamente. Ainda bem que de mui pouco incomoda o arrependimento. Se me disserem que outro homem poderia dar mais louvável exemplo de cordura e mansidão, responderei que exemplo mais louvável só poderia dá-lo quem se calasse, em analogia de circunstâncias. Isso, a tê-lo eu feito, me seria agora motivo de muito orgulho — o orgulho de quem se levanta superior às dores e às afrontas.</p> <p>Este livro esteve a naufragar, quando eu cuidava que ele ia velejando em mar de leite. O título dera esperanças, que o texto desmentira. Afizera-se o venerando público à ideia de que as <i>Memórias do Cárcere</i> eram uma diatribe eriçada de injúrias, sarcasmos e glosas ao escândalo, que desgraçadamente as dispensava: tão à luz do Sol se desnudara arrastado por praças e tribunais. Saiu o livro, mentindo às esperanças de muita gente, que o esperava à feição</p>
--	---

ANEXO IV – Revisão de provas paginadas.

Exemplo 1 – Falta cabeça de uma página par.



acenar de lenço branco. Devia ser ela... Era!... O infeliz ajoelhou, e ergueu as mãos. Mal sabia ele o que fazia; mas que sublime lance aquele! Que espetáculos de imensa dor a palheta dos grandes génios não inventou ainda!

Iam com ela os anjos. Foi de boa monção a viagem, e a bordo todos os passageiros se desvelavam em atenções à esposa que ia implorar do rei o perdão de seu marido.

Acolheu-a benignamente o ministro; e, antes de apresentá-la, mostrou ao rei a tocante e lastimosa carta do chanceler.

D. João perdoou o tenente, antes de ver a esposa suplicante; quando, porém, a viu, disse ao ministro: «Nada lhe falta! É perfeita de alma e de corpo.»

Voltou Rosa, no espaço de quatro meses e meio, com o perdão. Quando o castelo da Foz se lhe desenhou entre as brumas numa manhã de inverno, Rosa, enganada pelo coração, proferiu alto o nome do esposo, cuidando que ele devia ouvi-la. Uns dos ouvintes sorriram, choraram outros, e todos invejaram a sorte do preso.

Saltou Rosa numa catraia em frente da Foz, correu ao castelo, pediu silêncio às sentinelas, atravessou subtilmente os corredores, colocou o ouvido à porta do quarto do esposo, para lhe ouvir a respiração. Nem um leve rumor se coava na fechadura. Levantou de mansinho o fecho, espreitou pela fresta, e viu o jacobino, o perverso, o condenado, de joelhos diante dum crucifixo com as mãos erguidas.

Entrou de golpe, exclamando:

— Estás livre! Estás perdoado!

O tenente ergueu-se, fitou-a; mas naquele olhar vislumbrava o espasmo do idiotismo. Nos braços dela é que os diques das lágrimas se romperam; e então conheceu Salazar que não estava sonhando.

Não há mais que dizer.

Estas duas criaturas gozaram vinte e cinco anos a felicidade que está nas condições humanas. A primeira que morreu poucos meses esperou a outra no Céu. Deixaram filhos: não sei se existem, nem onde existiram.

Exemplo 2 – Formatação da nota errada – não possui duas linhas brancas entre nota e texto.

primeiro em quem ele batia era no Cromwell. Se Custódio José Vieira visse a desonra dum estadista — imerecida desonra — promulgada pelo triunfo caviloso de sua eloquência, o mais atormentado pela calúnia não seria o réu. O acusador, cedo ou tarde convencido de sua iniquidade, iria buscar o holocausto de alheios vícios para lhe dizer no pináculo das honras, ou no raso da sepultura: «Na minha voz repercutiu a voz do mundo, por isso te acusei. Podias lançar de ti o estigma. Não quiseste: sabias que o segredo revelado da tua comiserção te restauraria a honra, acrescentada em outras que se não alcançam por trilhas vulgares. Enquanto os teus mais grados malsins de inventados crimes te gemem elegias ao pé do esquife, sem rasgarem as páginas em que te marearam a velhice, venho eu aqui dizer-te, ó grande que ora és nada, que iniquamente foste infamado, e eu, na torrente dos injustos, injusto fui contigo. Aqui deixo em pó, ao lado de tuas cinzas, a página, que dei para o falso apreço de tua vida pública e íntima. Se deste ato me converterem a dignidade em peçonha, tragá-la-ei, para que assim pela expiação se vá remindo a consciência inquieta.»

Assim faria... Assim fez Custódio José Vieira. Tragou a peçonha. Na mansidão com que respondia à crueza dos que a miúdo lha emborcavam, é que se transluzia a máxima virtude da serenidade na expiação.

Já todos, aqueles ao menos que viram as últimas pelejas dos ódios políticos, sabem que se alude aqui a Rodrigo da Fonseca Magalhães, o homem que ainda viram mais mal julgado por homens os fastos das nações; o eleito da Providência para morrer já quando as sanhas das fações partidárias estrebuchavam debaixo de seus pés, tendo ele nos lábios o sorriso de Hércules, que despedaçava serpentes no berço, como quem com elas se estava divertindo*.

N.B.
2 linhas
brancas

* Em 1852, o ministro Fonseca de Magalhães foi vigorosamente ultrajado por um escritor de vasto engenho e absoluta carência de juízo. Ainda não esqueceu D. João de Azevedo, o virulento autor de *Costa Cabral em relevo*, e outros opúsculos de petulante e excruciante ódio político. Este era o implacável inimigo de R. da Fonseca Magalhães. D. João de Azevedo morreu de congestão cerebral, no afogo de seu rancor ao ministro, e morreu tão pobre que não havia com que pagar a sege que levasse

Exemplo 3 – Formatação da nota errada – Filete mais longo e espesso.

Hão de dizer-me que mal cerzida veio para aqui esta nesga impertinente. Não me defendo da censura, que é justa, e vou atar o fio, certo que mereci, por minha humildade, granjear outra vez a atenção de quem sabe perdoar a velhos as delongas e desvios por onde o espírito lhes anda derramado.

Era tudo, e tudo veio para dizer que Custódio José Vieira é uma nobre e compassiva alma. Nunca vi chorar outro homem por minhas dores.

Ali, sob os muros do átrio da igreja, me embarquei na «diligência» que partia, mais duvidosa do seu destino, para a Régua, do que a nau de Cristóvão Colombo para o novo mundo.

Éramos seis os audaciosos passageiros. Os irmãos Montgolfier, primeiros invasores das regiões da águia, das nuvens, e dos relâmpagos, teriam de invejar-nos a coragem, se ela fosse menos obscura. A cada estalido do chicote as parelhas davam o que podiam — um gemido com suas variantes de couce, no qual invidavam quanta força lhes dava a cólera do ultraje, que os cerros eram surdos, como os dos épicos cavalos de Tolentino.

Os meus companheiros iam pasmados do vagar da carroça, e do estrondo das molas, que simulavam o incessante levar de amarras duma nau de três pontes. Estes pasmos eram todos exclamativos, mas a miúdo cortados pelos solavancos do carro. À minha mão direita estava um sujeito, o qual me fez começar ensaios de paciência, que me foram grande bem na inteireza de ânimo com que depois me afrontei a trabalhos maiores. Recebia-lhe a cabeça como o adarve de fortaleza receberia os embates compassados dum arfete. Quando, à luz matutina, lhe vi a cabeça, achei razoável a dureza da pancada.

o cadáver ao cemitério. Rodrigo recebeu a notícia da morte e da pobreza do morto, e logo escreveu a um amigo incumbindo-o de ocorrer, a ocultas, às despesas dum decente enterro. Nesta carta, que conservo autógrafa entre os meus papéis, que deixei em Lisboa, o ministro engrandece o talento de D. João, e lamenta que os infortúnios e desconcertos da razão o encaminhassem por tão errada vereda. Este facto, ignorado dos biógrafos do grande liberal, dispensa a resenha doutros. Está nele definida a nobilíssima condição daquele homem, que foi uma honra nacional. (Nota da segunda edição)

N. B.

Filete mais
fino 0.5 pt
mais curto 20
mm

Exemplo 4 – Sinal de chamada de nota errado.

Ai! Luísa,

... a flor dentre as fragas,

que eu cantei num poema, escrito com as minhas últimas lágrimas, adoçadas de esperanças! Passei por ela, e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado. ✱ |

*Luísa, flor dentre as fragas,
Donairosa camponesa,
Tipo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas,
Colhes, no prado, as boninas?
Brincas, à tarde, na espalda,
Onde verdeja a alameda
Da viva cor da esmeralda?
Brincas, Luísa, afagando
O que mais amas no bando,
O teu alvo cordeirinho?*

Encarei sorrindo tristemente em meu sobrinho, e ele disse-me:

— Não a vê?

— Luísa?

— Sim. Aquela que tem os braços cruzados.

Contemplei-a, e vi uma velha.

— Aquela que me está olhando?! — repliquei.

— A mesma Luísa de há quinze anos.

E eu disse comigo: «Estará ela dizendo às outras: — Ele é aquele velho?!»

E passei avante.

✱ Um livro.

✱ |

Exemplo 5 – Dois sinais de chamada de nota na mesma página.

sua mulher ^{***}, já defuntos; estatura ordinária, cara comprida, olhos castanhos †, e cabelo preto; vestida com um vestido de guingau ⁵⁹ amarelo †, a qual entregou o oficial Ribeiro por ordem do desembargador encarregado da polícia, para ficar presa à ordem do ilustríssimo intendente geral da polícia; e mandei fazer este assento, que assinei. — Joaquim Teixeira de Lima. * |

Na margem direita deste assento, lê-se:

Recomendada por ordem da intendência geral da polícia de 24 de outubro do corrente ano. — Escrivão, Crispim.

A prisão destinada a Delfina denominava-se a «saleta». É um quadrado de doze passos de parede a parede com uma janela gradeada, que defronta com a Igreja de S. Bento. Por cima da abóbada desta prisão era o oratório dos condenados; debaixo do pavimento estava o antro do carrasco.

Algumas presas ocupavam o mesmo recinto. Eram mulheres que podiam dar maior percentagem ao carcereiro, e livravam-se assim dos horrores da enxovia. No pessoal das companheiras de Delfina predominavam as infanticidas, e duas delas haviam matado com veneno seus maridos. O restante eram ladras, ou colarejas, que cumpriam sentença correcional, por levarem fora do alcouce a impudência da sua linguagem.

A chegada de uma presa, trajada limpamente, com jeito de senhora, e um ar de pavor, que mais parecia nos olhos um suplicar de piedade, fez estranheza nas outras encarceradas, estranheza que passou ao riso e ao trejeitar de mofa.

† Pessoas que conheceram Delfina, e a trataram intimamente nos últimos meses de sua vida, asseveram-me que eram negros os olhos dela, e de estatura alta, posto que magra. À luz coada por ferros não admira que o carcereiro se enganasse na cor dos olhos da formosa encarcerada. * |

† Naquele tempo o guingau era estofo de preço não vulgar. Disse-me uma amiga de Delfina que ela saíra para a cadeia sem mudar de vestido; duvida, porém, que fosse amarelo o guingau, afirmando que a sua desgraçada amiga vestira sempre de escuro. † |

Exemplo 6 – Entrada de capítulo errada – Mais do que três linhas brancas entre número e texto.

III

} N.B. apenas 3 linhas brancas

Defrontava com o meu quarto o de António José Coutinho.
Era a mais bela e majestosa cabeça de velho que ainda meus olhos viram!

Raros cabelos lhe orlavam o crânio; e, à minguia deles, sobressaía a ampla e brunida fronte. Em espirais de neve lhe serpeavam sobre o peito as barbas, que ele trazia sempre cuidadas e escovadas com o esmero de homem que todas as manhãs tinha a cumprir uma visita cerimoniosa. Era eu o preso visitado.

A medianeira, que nos servira a ambos, para nos relacionarmos, fora *Minerva*.

— A deusa da ciência?! — acode o leitor — Teremos algum quadro mitológico, ou dar-se-á caso de estar a divindade da sabedoria pagã presa, na Relação do Porto, por vadia, nesta época em que ela não tem que fazer, nem quem a conheça e abone no governo civil?

— Não, senhores; não era a deusa do Olimpo; era uma cadela chamada *Minerva*, nome este que até já anda pelos cães.

Hei de deter-me a falar nesta cadelinha nas três seguintes páginas. Neste aviso, dou aos meus colegas romancistas um bom exemplo. Todo o escritor sincero deve prevenir o seu leitor das estafas, que lhe estão iminentes. Aos aborrecidos de episódios caninos digo eu que saltem em claro as três páginas.

Exemplo 7 – Diferença entre o Aparato Crítico das primeiras e das últimas provas –
Primeiras provas

APARATO CRÍTICO

¹ haviam relanços] Assim na 2.^a ed., única que possui este prefácio. Mas a flexão plural de haver ocorre com frequência nos autógrafos de Camilo; aliás, reaparece neste texto.

² arrobado] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.

³ tigre de Bengala] tigre de Benguella na 1.^a e na 2.^a eds.; trata-se, com toda a aparência, de um erro do autor.

⁴ cabeça] O segmento o elemento fosfórico foi acrescentado na 2.^a ed., bem como a nota de rodapé que o acompanha.

⁵ Ensandeceu-a] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Insandeceu-a.

⁶ empecendo] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem impecendo.

⁷ por que] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem porque.

⁸ nublosos] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem nubelosos.

⁹ enforcado] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem inforcado.

¹⁰ Foram estas:] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Foram estes:

¹¹ entrecortadas] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem inter-cortadas.

¹² Entendi] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Intendi.

¹³ dois contos... dous mil] Respeita-se a variação entre dois e dous, que se encontra tanto na 1.^a como na 2.^a edições e, possivelmente, no autógrafo de Camilo.

¹⁴ empalideceu] *Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem impalideceu.*

¹⁵ haviam anémolas] *Assim na 1.^a e na 2.^a eds.*

¹⁶ sua mãe e irmãos] *sua mãe e seus irmãos na 1.^a ed.*

¹⁷ surpreendesse] *Assim na 1.^o e na 2.^a eds.*

¹⁸ mulher e filhos] *minha pobre mulher e filhos na 1.^a ed.*

¹⁹ homem sério e sóbrio] *homem sério, e sombrio na 1.^a ed.*

²⁰ já conheça] *já conhece na 1.^a ed.*

²¹ acrescentou] *disse na 1.^a ed.*

²² Limoeiro] *limoeiro tanto na 1.^a como na 2.^a eds., mas trata-se de nome próprio da cadeia de Lisboa.*

²³ surprender] *Assim na 1.^o e na 2.^a eds.*

²⁴ arrobos] *Assim na 1.^o e na 2.^a eds.*

²⁵ engenhado] *ingenhado na 1.^a ed.*

²⁶ medianitas] *medianitas tanto na 1.^a como na 2.^a eds.*

²⁷ entenderam] *intenderam na 1.^a ed.*

²⁸ redimidas] *redemidas na 1.^a ed.*

²⁹ assassinio] *assassino na 1.^a ed.*

³⁰ presbítero] *abade na 1.^a ed.*

³¹ engenho] *ingenho na 1.^a ed.*

³² enfiado] *infiado na 1.^a ed.*

³³ S. Simão-Estilita] *S. Simão-Stylita em ambas as eds., embora se trate de S. Simeão.*

³⁴ o desespero] *do desespero na 1.^a ed.*

³⁵ distraí] *distraiu na 1.^a ed.*

³⁶ entardecer] *intardecer na 1.^a ed.*

³⁷ encavernado] *incavernado na 1.^a ed.*

³⁸ menólogos] *Assim nas duas eds.*

³⁹ entendeu] *intendeu na 1.^a ed.*

⁴⁰ sarçais] *carçaes tanto na 1.^a como na 2.^a eds., mas trata-se decerto de erro, pois carçal inexistente, ao passo que sarçal (silvado) se ajusta perfeitamente ao contexto da frase.*

⁴¹ Entendi] *Intendi na 1.^a ed.*

⁴² me fizeram a honra de me nomear árbitro] me fizeram a honra de nomear árbitro *na 1.ª ed.*

⁴³ Um preso adverso a distinções, quis dar] *Assim pontuado nas duas eds.*

⁴⁴ disse-me ele — queira escrever.] *Ambas as eds. concordam em disse-lhe eu, que é erro do autor; se Camilo é solicitado a notar (escrever) a mensagem, é a ele que se dirige o pedido queira escrever, e não o inverso.*

⁴⁵ paços] *Conforme a 1.ª ed., pois a 2.ª desliza para passos.*

⁴⁶ carpinteiro] *carpenteiro na 2.ª ed.*

⁴⁷ enfastiado] *infastiado na 1.ª ed.*

⁴⁸ o morgado lhe dera] *Assim na 2.ª ed., mais completa que a 1.ª: o morgado dera.*

⁴⁹ iconoclasta] *inconoclasta na 2.ª ed.*

⁵⁰ malferiram] *mal-feriram na 1.ª ed.; mal feriram na 2.ª.*

⁵¹ nublosa] *Assim na 2.ª ed. enquanto a 1.ª tem nublada.*

⁵² via] *vi na 2.ª ed.*

⁵³ abraços] *braços na 2.ª ed.*

⁵⁴ *Lacuna da 2.ª ed.: neste ponto, a 1.ª ed. continua assim: O poeta é que é possível espalmar-lhe o génio em prosa chilra, e restitui-lo à república com disposições de fazer coisa útil, embora viva intanguído, à triste sombra de aluguéis mesquinhos, como diz o soneteiro épico de Lisboa.*

⁵⁵ *Camilo retomará este exemplo em O Degredado, a sétima das Novelas do Minho.*

⁵⁶ se é que não saiu tolhiço incorrigível da primeira] *se é que não saiu tolhiço da primeira na 1.ª ed.*

⁵⁷ como o susto as causa] *Assim na 2.ª ed.; a 1.ª tem como o susto os causa, mas a referência do pronome é palpitações.*

⁵⁸ andou fugitivo da casa] *Assim na 1.ª ed.; a 2.ª tem andou fugitivo de casa.*

⁵⁹ guingau] *Assim nas duas eds., por guingão.*

⁶⁰ E meu filho?] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª E meu filho!*

⁶¹ fúria] *fúria! nas duas eds.*

⁶² tomam o partido do forte contra o fraco] tomam o partido do fraco contra o forte *assim nas duas eds., mas o sentido do texto parece ser o inverso.*

⁶³ FIM] Na 1.^a ed., o livro termina com uma conclusão que foi eliminada na 2.^a: CONCLUSÃO | Fecham-se as MEMÓRIAS. | Há nelas uma grande lacuna. Eu devia ter dito porque estive preso um ano e dezesseis dias. Não disse, nem digo, porque verdadeiramente ainda não sei porque foi.

Exemplo 8 – Diferença entre o Aparato Crítico das primeiras e das últimas provas –
Quartas provas

APARATO CRÍTICO

¹ haviam relanços] Assim na 2.^a ed., única que possui este prefácio. Mas a flexão plural de haver ocorre com frequência nos autógrafos de Camilo; aliás, reaparece neste texto.

² arrobadado] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.

³ tigre de Bengala] tigre de Benguella na 1.^a e na 2.^a eds.; trata-se, com toda a aparência, de um erro do autor.

⁴ cabeça] O segmento o elemento fosfórico foi acrescentado na 2.^a ed., bem como a nota de rodapé que o acompanha.

⁵ Ensandeceu-a] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Insandeceu-a.

⁶ empecendo] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem impecendo.

⁷ por que] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem porque.

⁸ Está quieto, olha que me dás!] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Está quieto! olha que me dás!

⁹ Shakspeare] Assim grafado nas duas eds.

¹⁰ o segredo da Relação] As celas comuns da cadeia da Relação do Porto eram conhecidas pelos nomes de Santo António e de Santa Ana, as destinadas a homens, de Santa Teresa para mulheres, de Santa Rita para menores, de S. Victor e o Segredo para castigos.

¹¹ nublosos] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem nubelosos.

¹² enforcado] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem inforcado.

¹³ Foram estas:] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Foram estes:

¹⁴ entrecortadas] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem intercortadas.

- ¹⁵ Entendi] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem Intendi.
- ¹⁶ dois contos... dous mil] Respeita-se a variação entre dois e dous, que se encontra tanto na 1.^a como na 2.^a edições e, possivelmente, no autógrafo de Camilo.
- ¹⁷ empalideceu] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem impalideceu.
- ¹⁸ amoróticos] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.
- ¹⁹ haviam anémolas] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.
- ²⁰ sua mãe e irmãos] sua mãe e seus irmãos na 1.^a ed.
- ²¹ surpreendesse] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.
- ²² deixando protegida mulher e filhos] Na 1.^a ed., deixando protegida minha pobre mulher e filhos, a concordância é condicionada pela proximidade, mantendo-se na 2.^a ed. apesar do encurtamento da frase.
- ²³ homem sério e sóbrio] homem sério, e sombrio na 1.^a ed.
- ²⁴ já conheça] já conhece na 1.^a ed.
- ²⁵ acrescentou] disse na 1.^a ed.
- ²⁶ Limoeiro] limoeiro tanto na 1.^a como na 2.^a eds., mas trata-se de nome próprio da cadeia de Lisboa.
- ²⁷ surprender] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.
- ²⁸ arrobos] Assim na 1.^a e na 2.^a eds.
- ²⁹ engenhado] ingenhado na 1.^a ed.
- ³⁰ midianitas] medianitas tanto na 1.^a como na 2.^a eds.
- ³¹ entenderam] intenderam na 1.^a ed.
- ³² redimidas] redemidas na 1.^a ed.
- ³³ assassínio] assassino na 1.^a ed.
- ³⁴ presbítero] abade na 1.^a ed.
- ³⁵ engenho] ingenho na 1.^a ed.
- ³⁶ enfiado] infiado na 1.^a ed.
- ³⁷ S. Simão-Estilita] S. Simão-Stylita em ambas as eds., embora se trate de S. Simeão.
- ³⁸ o desespero] do desespero na 1.^a ed.
- ³⁹ distraí] distraiu na 1.^a ed.
- ⁴⁰ entardecer] intardecer na 1.^a ed.

⁴¹ cantor de Trácia] Assim na 2.^a ed., enquanto a 1.^a tem cantor da Trácia.

⁴² encavernado] incavernado na 1.^a ed.

⁴³ menólogos] Assim nas duas eds.

⁴⁴ entendeu] entendeu na 1.^a ed.

⁴⁵ sarçais] carções tanto na 1.^a como na 2.^a eds., mas trata-se decerto de erro, pois carçal inexistente, ao passo que sarçal (silvado) se ajusta perfeitamente ao contexto da frase.

⁴⁶ Entendi] Intendi na 1.^a ed.

⁴⁷ me fizeram a honra de me nomear árbitro] me fizeram a honra de nomear árbitro na 1.^a ed.

⁴⁸ Um preso adverso a distinções, quis dar] Assim pontuado nas duas eds.

⁴⁹ disse-me ele — queira escrever.] Ambas as eds. concordam em disse-lhe eu, que é erro do autor; se Camilo é solicitado a notar (escrever) a mensagem, é a ele que se dirige o pedido queira escrever, e não o inverso.

⁵⁰ paços] Conforme a 1.^a ed., pois a 2.^a desliza para passos seguida pela 3.^a

⁵¹ carpinteiro] carpenteiro na 2.^a ed.

⁵² enfastiado] infastiado na 1.^a ed.

⁵³ o morgado lhe dera] Assim na 2.^a ed., mais completa que a 1.^a: o morgado dera.

⁵⁴ iconoclasta] iconoclasta na 2.^a e 3.^a eds.

⁵⁵ malferiram] mal-feriram na 1.^a ed.; mal feriram na 2.^a ed.

⁵⁶ nublosa] Assim na 2.^a ed. enquanto a 1.^a tem nubelosa.

⁵⁷ via] vi na 2.^a ed.

⁵⁸ abraços] braços na 2.^a e na 3.^a eds.

⁵⁹ Lacuna da 2.^a ed.: neste ponto, a 1.^a ed. continua assim: O poeta é que é possível espalmar-lhe o génio em prosa chilra, e restituí-lo à república com disposições de fazer coisa útil, embora viva intanguído, à triste sombra de alugéus mesquinhos, como diz o soneteiro épico de Lisboa.

⁶⁰ Camilo retomará este exemplo em *O Degredado*, a sétima das Novelas do Minho.

⁶¹ se é que não saiu tolhiço incorrigível da primeira] se é que não saiu tolhiço da primeira na 1.^a ed.

⁶² como o susto as causa] Assim na 2.^a ed.; a 1.^a tem como o susto os causa, mas a referência do pronome é palpitações.

⁶³ andou fugitivo da casa] Assim na 1.^a ed.; a 2.^a e a 3.^a têm andou fugitivo de casa.

⁶⁴ espanhol?] Assim na 1.^a ed., a 2.^a muda a pergunta necessária pelo contexto seguinte, em exclamação: espanhol!

⁶⁵ guingau] Assim nas duas eds., por guingão.

⁶⁶ E meu filho?] Assim na 1.^a ed.; na 2.^a E meu filho! A 3.^a ed., acompanha, neste caso, a pontuação da 1.^a

⁶⁷ fúria] fúria! nas duas eds.

⁶⁸ tomam o partido do forte contra o fraco] tomam o partido do fraco contra o forte assim nas duas eds., mas o sentido do texto parece ser o inverso.

⁶⁹ FIM] Na 1.^a ed., o livro termina com uma conclusão que foi eliminada na 2.^a ed: CONCLUSÃO | Fecham-se as MEMÓRIAS. | Há nelas uma grande lacuna. Eu devia ter dito porque estive preso um ano e dezesseis dias. Não disse, nem digo, porque verdadeiramente ainda não sei porque foi.

Exemplo 9 – Substituição de aspas baixas por aspas altas.

antes o sofrimento, meu filho. Quero ser humilhada, desprezada e reduzida a pedir esmola; mas não quero a abundância com as mordeduras da consciência, e os sobressaltos de te ver perdido para mim e para ti.»

«Pedi licença a minha mãe para buscar algum modo de vida que me desse independência com honra. contei-lhe que em Vila Real havia um escrvão que precisava dum amanuense, a quem daria oito vinténs diários, casa e cama. Pedi-lhe que me acompanhasse, que eu lhe dava a ela o dinheiro, e abastaria para mim a outra paga do trabalho. «Vai tu, filho — respondeu ela — converte em teu bem o que puderes ganhar. Eu tenho forças para sofrer, e irei sofrendo já agora o resto da vida para ganhar a ventura de morrer na casa onde nasci.»

«Fui assoldadar-me ao escrvão... Não me há de esquecer contar-lhe um singular sucesso que me sobreveio no caminho. Entre Vila Real e a aldeia de meus pais está uma povoação chamada Gravelos. Aí tinha eu uma tia casada, irmã de minha mãe. Diziam minhas primas, filhas dela, que a pobre mulher estava possessa do demónio, e tinha horas de fúria indomável a forças humanas. Quis eu vê-la numa dessas horas; e com efeito a vi estrebuchar entre os braços musculosos dos filhos e dos criados, derribando-os ao chão pálidos de terror. Ouvi os exorcismos dum franciscano que pernoitava acaso na aldeia. Demónio era aquele que nem o frade respeitou! Se lhe não acudissem, poderia o frade sinceramente dizer que o demónio lhe respeitara o espírito, mas lhe fizera a cara em estilhas! Exauridas as forças dos circunstantes, acerquei-me da energúmena, fitei-a nos olhos com severo aspeto, e disse-lhe: «Que fúrias são estas? Esteja quieta, minha tia, quando não amarramo-la com cordas de pés e mãos.» A indemoninhada fitou-me com olhar flamejante, que nem carbúnculos vistos ao resplendor da luz, e exclamou, depois de soltar uma gargalhada de arripiar: «De ti estou eu bem vingada! Hás de morrer numa cadeia, assim como esta mulher há de morrer entre as minhas garras.» Era pois o espírito que falava. Riu-se ainda, debateu-se

Exemplo 10 – Linhas brancas a eliminar no texto.

Chegara ele a ter o pensamento vil de reconciliar-se com a mulher para aquietar os sustos, e planear com sossego uma vingança clandestina, ministrada pelo veneno.

Neste pressuposto foi a Espanha para consultar não sei que raça hereditária das Locustas e Bórgias. O êxito desta diligência poderia ser bom; mas, como o sucesso não provou nada, eximo-me de aventurar hipóteses descaridasas, sobre desnecessárias.

O que sei é que Delfina aos oito meses de reclusão nenhuma esperança dava de vida, ou de juízo, como dizia o sábio Alão. Amargura incessante, definhamento acelerado, o pulmão cuspidor a pedaços, e as agonias, que sendo tantas, lhe não valiam a distrair-lhe do coração o sangue que saía em lágrimas: foi o seu viver até ao fim do duodécimo mês de recolhimento.

E, no entanto, dizia-se cá fora:

«Está no recolhimento de S. Lázaro a morrer uma desgraçada senhora, que morre de saudades de um filho que lhe arrancaram quando a recolheram judicialmente.»

Havia humanidade na voz que dizia isto; mas em redor da pessoa que tal notícia dava, vinte vozes, a um tempo, diziam:

«É bem feito. A humanidade quer-se vingada. São necessários os exemplos.»

Destas vinte pessoas, consentâneas em votar à morte a infeliz, uma era uma senhora que deixara morrer de indigência sua mãe, porque seu marido não queria para sogra uma mulher que ilegitimamente se prestara a dar à luz uma menina que ficou herdeira de seu pai, e se nobilitara matrimonialmente pela herança.

A outra era uma adúltera, que levou a mal que seu marido se mostrasse compadecido de Delfina.

Exemplo 11 – Falta de pontuação.

* Os jornais têm contado façanhas de José Teixeira do Telhado contra a negraria. O comércio d' África deve-lhe muito, e espera muito mais daquele braço de ferro, e sede de sangue. Os pretos é que pagam os agravos, que os brancos lhe fizeram cá. Se José Teixeira for esperto, pode morrer, pelo menos, rei daqueles sítios. (Nota da segunda edição)

Exemplo 12 – Pontuação errada.

É, pois, aquela a Luísa... — murmurei eu tão de manso, que só a minha alma podia ouvir-se. E na noite daquele mesmo dia, quando a lua assomou das montanhas, fugi à aldeia da minha infância e da infância de Luísa. A minha família ficou num espasmo, e eu no reiterado conceito de louco.

Seguiu-me no trânsito de duas léguas meu sobrinho, alma de poeta, e coração... Deus sabe se fadado para entender a minha dor daquela noite!

Ao amanhecer do dia imediato fui para Amarante. Nas proximidades da Régua fui sacudido pelo meu cavalo contra uma pedra,

Exemplo 13 – Translineações.

tirando-o da mão dum subordinado. O facto seria galante, se o chefe não dissesse, no mesmo ponto, que José Joaquim d' Abreu, o recém-morto pai da senhora, tinha trinta mil cruzados em moeda. A dama ignorava que tal dinheiro houvesse em sua casa, e respondeu que só sabia do que entregara. Foram, em seguimento a tal resposta, novamente conduzidas as senhoras ao espetáculo do cadáver, e ajoelharam para receberem a morte.

O chefe da família renunciara totalmente à sua honra, contanto que o preço da tácita convenção da renúncia mantivesse a sua pontualidade. Os filhos cresceram em anos e vícios, anos que reagiam aos meus conselhos, e vícios que medravam nos meus recursos, nunca denegados. A mulher fatal, empeçonhada pela indignidade

repulsiva nudez.

Vejamos o que pode minha pobre arte sobre a realidade hedionda.

A senhora D. Benedita era uma mulher de quarenta e cinco anos, que eu conheci enfermeira das presas na cadeia. O dom, que eu

Exemplo 14 – Alinhamento do texto.

Ai! Luísa,

... a flor dentre as fragas,

[que eu cantei num poema, escrito com as minhas últimas lágrimas, adoçadas de esperanças ! Passei por ela, e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado.

E o homem do fraque ouvia tudo atentivamente, e começava a espirrar grandes gargalhadas.

— Vens, homem? — dizia a mulher, puxando-lhe pelo fraque.

— Vai arranjar o almoço, que eu lá vou ter.

— Estás tolo, Zé?! Anda daí com Deus, senão junta-se aqui a freguesia.

as portas dos dois esposos dum ano. Morreu primeiro ela, que era linda e débil; morreu em seguida ele, tendo já dado o valor do seu último casaco para sua mulher ser enterrada com um responso.

Quando perguntei por Ferreira Sarmiento, em 1856, disseram-me que morrera tísico e a esposa também.

Exemplo 15 – Finais de linha onde uma frase começa com apenas o artigo inicial.

Amanheci um dia entre as ruínas da presumida Citânia. Vi algumas pedras derruídas em cômodos, as quais denunciavam ausência de toda a arte, para de pronto desvanecer conjeturas de edificação regular. Existiam vestígios de cisterna, e descalçadas lajes dum caminho de pé posto, que sem dúvida tinha sido estrada. A meu parecer, não irá longe da fundação da monarquia portuguesa a construção daquele presídio, se tal nome lhe cabe em vista dos estreitos limites do terreno plano. Pode ser que, nas guerras de desmembração, sequentes às primeiras conquistas do conde Henrique, guerras tão cruamente pelejadas nas circunferências de Guimarães até às indeterminadas fronteiras, aquele ponto, onde os visionários veem cidades cartaginesas e romanas, fosse singelamente um ponto de observação, que abrangia grande parte do território convizinho de Guimarães, então foco das operações militares da recente monarquia. Como quer que seja, a chamada Citânia faria derrear um antiquário, sem ele descobrir nas ruínas dela pretexto a narcotizar com um in-fólio a porção do género humano, que ainda crê nas visualidades de antiquários, e decifrações arrevesadas de pedras, e quejandos desfastios de sábios em medalhas e cipos — a gente mais estafadora do mundo.

O senhor Domingos e a senhora Rosa (eram os cônjuges meus familiares) contaram-me que lá em cima na Citânia estavam moiras encantadas, que eles tinham visto em certas noites vaguearem em torcicolos com luzinhas pelo pendor da serra. Não desfaço na palavra do senhor Domingos e da senhora Rosa; mas inclino-me a crer que os velhinhos vissem pirilampos. O mesmo não direi doutra moira que viera num berço à flor do rio Ave; e no momento em que o encanto se lhe quebrou, o berço se converteu em alva fraga. Nenhuma dúvida há: lá está a fraga. A senhora Rosa sabia as lendas todas, que Almeida Garrett publicou, já desluzidas da campestre originalidade em que mas ela repetiu.

De Briteiros ao Senhor do Monte era passeio de uma hora. Ali fui com Francisco Martins, e de lá trouxe peçonha de saudades, que me ainda cabia no peito.

Exemplo 16 – Final do capítulo XX nas primeiras provas.

212

CAMILO CASTELO BRANCO

Nada disto. Fingiu-se aflita, se o não estava sinceramente, por ver gorada a sua traça. Era plano dela envenenar toda a família, na hipótese de que as garrafas seriam abertas à sobremesa. Quem diria que ali num cantinho da Beira se estava maquinando um festim de Bórgias!

Morreu o lavrador amaldiçoando a mulher, contra a qual gritou a família inteira, exceto as esposas dos filhos nas horas em que se iam à cozinha a comer às furtadelas os grelos ensopados e os ovos mexidos.

Foi a senhora Joaquina encarcerada nas enxóvias da Relação de Lamego, onde se encontrou com a senhora D. Benedita, já historiada.

Negou o crime; mas a prova dispensava a confissão da ré. Foi condenada a pena capital, e de Lamego removida para a Relação do Porto, onde, decorridos anos de prisão, teve comutação para África com prisão por toda a vida.

Falei com a condenada, e requeri ainda em nome dela, pedindo que a deixassem morrer na cadeia, sem o degredo, visto que tinha sessenta e seis anos, e doenças de breve despacho para a sepultura. Este requerimento foi encontrado pela lei, que não dispensava a sentenciada de cumprir sentença.

A senhora Joaquina pudera salvar da naufragada herança do arcediogo um saquito de dinheiro em ouro, de bom tamanho, o qual levou consigo.

É coisa para pensar o destino em que pararam as reliquias dos haveres do arcediogo de Lamego! No cárcere dum presidio africano!... Pessoa mais vezada a esmiuçar moralidades nos acontecimentos podia deste sucesso haurir muitas páginas de religiosas meditações, e exemplaríssimas advertências às moças, para que não aceitem heranças de padres, e aos padres, para que não deixem heranças às moças.

A mim só me basta dizer, que esta desgraçada Joaquina podia ter morrido serenamente no gozo dos bens do arcediogo, se o secreto inimigo das vilipendiosas herdeiras lhe não aparecesse na figura do vizinho, o qual, por ser a figura do Demónio, morreu sem me causar dó.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

213

Era muita gente apostada a fazer criminosa a pobre Joana! Deus sabe quantas agonias a espedaçaram antes d'ela resolver a mortandade de tantas famílias!

Exemplo 17 – Final do capítulo XX e início do capítulo XXI nas quartas provas.

Nada disto. Fingiu-se aflita, se o não estava sinceramente, por vergorada a sua traça. Era plano dela envenenar toda a família, na hipótese de que as garrafas seriam abertas à sobremesa. Quem diria que ali num cantinho da Beira se estava maquinando um festim de Bórgias!

Morreu o lavrador amaldiçoando a mulher, contra a qual gritou a família inteira, exceto as esposas dos filhos nas horas em que se iam à cozinha a comer às furtadelas os grelos ensopados e os ovos mexidos.

Foi a senhora Joanhinha encarcerada nas enxovias da Relação de Lamego, onde se encontrou com a senhora D. Benedita, já historiada.

Negou o crime; mas a prova dispensava a confissão da ré. Foi condenada a pena capital, e de Lamego removida para a Relação do Porto, onde, decorridos anos de prisão, teve comutação para África com prisão por toda a vida.

Falei com a condenada, e requeri ainda em nome dela, pedindo que a deixassem morrer na cadeia, sem o degredo, visto que tinha sessenta e seis anos, e doenças de breve despacho para a sepultura. Este requerimento foi encontrado pela lei, que não dispensava a sentenciada de cumprir sentença.

A senhora Joanhinha pudera salvar da naufragada herança do arcediago um saquito de dinheiro em ouro, de bom tamanho, o qual levou consigo.

É coisa para pensar o destino em que pararam as reliquias dos haveres do arcediago de Lamego! No cárcere dum presídio africano!... Pessoa mais vezada a esmiuçar moralidades nos acontecimentos podia deste sucesso haurir muitas páginas de religiosas meditações, e exemplaríssimas advertências às moças, para que não aceitem heranças de padres, e aos padres, para que não deixem heranças às moças.

A mim só me basta dizer, que esta desgraçada Joanhinha podia ter morrido serenamente no gozo dos bens do arcediago, se o secreto inimigo das vilipendiosas herdeiras lhe não aparecesse na figura do vizinho, o qual, por ser a figura do Demónio, morreu sem me causar dó.

Era muita gente apostada a fazer criminosa a pobre Joana! Deus sabe quantas agonias a espedaçaram antes d'ela resolver a mortandade de tantas famílias!

XXI

Noite alta sai do meu quarto. Os corredores estavam em escuridão cerrada. A luz da lâmpada apagava-se sob a pressão aquosa do ar.

Ouvi o ressonar cavernoso dos guardas, e o fremente assvio do norte nos zimbórios majestosos daquela caverna miasmática.

Passei avante, apegado às arcarias. Escorregavam-me os pés no soalho lamacento, e a frialdade gordurosa das paredes regelava-me as mãos, e filtrava-me ao peito uma dor glacial, angústia indescritível.

Encostei-me às portadas do cubículo, que fora oratório de padecentes, e avoquei à fantasia quantos pavores podiam acender-me em chama febril.

E o vento, raspando nos ferros exteriores, semelhava os gemidos dos padecentes, conglobados num só gemido.

E passei avante, sofrendo a respiração, para que o menor som daquela infernal e misteriosa harmonia calasse em minha alma.

Não sei que tempo vivi naquelas trevas, nem quantas vezes o brado das sentinelas revoou nas profundas abóbadas.

Súbito, um gemido, longo como o grito estertoroso de vítima, lentamente sopesada em mãos de algoz, me espertou da sepulcral letargia.

Era voz de mulher, se anjo da agonia não vinha assim gemer na Terra, com as notas dos cânticos do Céu.

ANEXO V – Prova de capa.



ANEXO VI – Anterosto e rosto das *Memórias do Cárcere*.

MEMÓRIAS
DO CÁRCERE

CAMILO CASTELO BRANCO
MEMÓRIAS
DO CÁRCERE



Edição de Ivo Castro e Raquel Oliveira

INCM

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIAS DESSAS

LISBOA - 2016